

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECÔNICAS**

**GASTOS MILITARES NA AMÉRICA DO SUL:  
Venezuela e Chile (2003-2008)**

**Gustavo Piccinini Dullius**

Porto Alegre  
2008

**GUSTAVO PICCININI DULLIUS**

**GASTOS MILITARES NA AMÉRICA DO SUL:  
Venezuela e Chile (2003-2008)**

Trabalho apresentado ao Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Cepik

Porto Alegre  
2008

O pressuposto utópico de que existe um mundo interessado na paz, que é identificável ao interesse individual de cada nação, ajudou os políticos e escritores políticos de toda parte a fugirem do fato intragável da existência de divergências fundamentais de interesses entre as nações desejosas de manterem o *status quo*, e as desejosas de mudá-lo.

**E.H CARR**

## **Resumo**

O presente trabalho visa a analisar o aumento dos gastos militares na América do Sul nos últimos anos. Estudando os casos de Chile e Venezuela, países que se destacam no processo de rearmamento, é analisado se a dinâmica existente responde a uma substituição de equipamentos obsoletos ou a uma ampliação de capacidades militares. Após, são avaliadas as conseqüências político-militares decorrentes do reequipamento chileno e venezuelano para o Brasil e para a América do Sul.

## **Abstract**

The present essay tries to understand the recent increase in the South American defense budgets. Studying the cases of Chile and Venezuela, countries that stand out in that process, we analyze if the existing dynamic corresponds to a replacement of obsolete material or to an arms build-up. Hence, we analyze the politico-military consequences of the Chilean and Venezuelan arms build-up to Brazil and South America as a whole.

## Sumário

Introdução .....	6
Capítulo I – Balanço Militar Sul-Americano .....	11
1.1. Exércitos .....	12
1.2. Forças Aéreas .....	16
1.3. Marinhas .....	19
Capítulo II – Análise do Perfil dos Gastos: Venezuela e Chile .....	22
2.1. Venezuela .....	24
2.2. Chile .....	33
Capítulo III – Análise do Impacto dos Gastos na América do Sul.....	42
Considerações Finais .....	48
Referências .....	51
Anexos .....	55

## Introdução

Ao observarmos os relatórios e os dados sobre os gastos militares globais da última década, logo chama a atenção o fato de a América do Sul ser sempre o continente que menos gasta com forças armadas, em média aproximadamente 1,7% do PIB, totalizando apenas 4% do gasto global. (CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA, 2008; MALAMUD & ENCINA, 2007). Essa suposta irrelevância militar e o discutível caráter pacífico do continente são os argumentos mais freqüentes nas análises que apontam a inexistência de uma tendência de reequipamento militar nos últimos anos.<sup>1</sup> Quanto ao caráter pacífico do continente é muito importante a desmistificação feita por MARES (2003:28):

Analistas de conflitos internacionais tendem a ignorar a América Latina, acreditando que existem poucos conflitos militares e que quaisquer que sejam as guerras em que essas nações se envolvam são de pouca importância. (...) A história demonstra que o uso da violência além das fronteiras nacionais tem sido um traço constante na política internacional latino-americana. De fato, **a violência regional escala para a guerra na mesma proporção que o resto do mundo**, à exceção do Oriente Médio.<sup>2</sup> (tradução livre, grifo nosso).

O continente sul-americano é de fato militarmente irrelevante em termos mundiais, porém se o objeto de análise é a segurança continental, dados referentes aos gastos globais não são tão importantes. Ademais, a própria caracterização do continente como pouco relevante militarmente, assim como detentor de baixas taxas de gasto em defesa, reforça a tese de que compras generalizadas devem ser estudadas. Isso porque, sendo um continente de forças defasadas e pouco numerosas, as mínimas compras já teriam um grande impacto. Logo, a aquisição de

---

<sup>1</sup> A última guerra no continente foi o conflito fronteiriço entre Peru-Ecuador em 1995. Desde então o episódio que mais se aproximou de uma guerra ocorreu em março de 2008, quando observamos um alto nível de tensão decorrente do ataque colombiano a um acampamento das FARC em território equatoriano. Nesse episódio a Venezuela chegou a enviar tanques à fronteira com a Colômbia em apoio à violação de soberania sofrida pelo Ecuador, um aliado regional de Chávez.

<sup>2</sup> “Analysts of international conflict tend to ignore Latin America, believing that little military conflict exists and that whatever wars these nations may engage are minor.(...) The historical record demonstrate that the use of violence across national boundaries has been a consistent trait of Latin America's international politics. In fact, violence in the region escalates to war in the same proportion as in the rest of the world, with the exception of the Middle East”. MARES (2003:28).

material bélico de última geração, em grande quantidade e em um curto espaço de tempo justifica nossa atenção.

Por esse motivo, discordamos de análises como a de BERTONHA (2007:2), que caem no erro de menosprezar as compras em curso com argumentos como: *“Mas algumas poucas dezenas de F16 ou dois submarinos, substituindo material obsoleto, não farão do Chile uma potência militar dominante”* e *“A Venezuela é um outro exemplo de que a aparência nem sempre corresponde à realidade. As suas compras efetivas (fora da propaganda ou das projeções de longo prazo) são basicamente, fora alguns caças e aviões de transporte, de fuzis e outros equipamentos leves.”* A imprensa, pelo contrário, noticia uma grande corrida armamentista em curso toda vez que um país da região faz alguma encomenda ou aquisição, especialmente se o país em questão for a Venezuela de Chávez. Ambas as posições ignoram a substância do problema.

Outras análises se concentram em avaliar se o fenômeno de compras é de fato uma “corrida armamentista”, criticando esse conceito e mostrando o grande debate e a dificuldade de aplicá-lo. Contudo, o mais importante não é a validade do conceito de “corrida armamentista” ou como vamos designar a dinâmica existente, mas sim analisar se existe uma ampliação de capacidades militares e quais as implicações estratégico-militares decorrentes de tal fenômeno na política continental. O debate conceitual é importante, mas a análise não pode desconsiderar a realidade empírica do fenômeno. Aqui importam, com se verá no desdobramento ulterior do trabalho, as noções de balanceamento leve e balanceamento pesado de T.V. Paul (2004)

Um traço comum na literatura existente sobre o assunto é, para reforçar seus argumentos ou talvez por desatenção, a utilização do indicador “gasto militar em proporção ao PIB”. Isso porque, uma vez que o objeto de estudo é o crescimento relativo dos gastos, o melhor indicador a ser utilizado é a variação anual da taxa de gastos com defesa e não os gastos de defesa em relação ao PIB. O caso venezuelano é emblemático nesse sentido e nos ajuda a compreender tal escolha. Se analisarmos o gasto venezuelano como porcentagem do PIB (1,09%) e afirmarmos que o país está se armando, a afirmação pode soar estranha. No entanto, ao observar que os gastos aumentaram em 29,07% somente de 2007 para 2008, a avaliação é outra (CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA, 2008).

Acreditamos que ainda mais relevante seja analisar a fatia do orçamento nacional destinada aos gastos militares, e, dentro do próprio orçamento de defesa, quanto é destinado à aquisição de equipamentos, analisando comparativamente o crescimento desse dado nos últimos anos. É realmente surpreendente que nenhuma análise utilize este indicador, que é o mais eficaz ao mensurar a ocorrência ou não de um *build-up* militar. Por exemplo, o Brasil também aumentou seus gastos militares na casa dos 30% no último biênio. No entanto, enquanto 80% desses gastos são destinados a despesas com pessoal, apenas 3% são utilizados para reequipamento (IISS, 2008). O Chile, ao contrário, gastou 23% em 2004 e 27,5% em 2007 em reequipamento e a Venezuela 15% em 2004 e 5,2% em 2007. Essa cifra venezuelana de 2007 corresponde ao declarado no orçamento da defesa, no entanto, como aponta o Centro de Estudios Nueva Mayoría (2008), é bastante improvável que se trata do valor correto:

Em matéria de investimentos, um dado a ser considerado é o caso da Venezuela, que embora se encontre em um processo de reequipamento importante, na apresentação de seus orçamentos de defesa, o gasto supostamente passou de US\$133 milhões em 2007 para US\$ 77 milhões em 2008. **Evidentemente, os recursos destinados às compras de armamentos não estão contidos nas contas do Ministério, já que extra-oficialmente as aquisições apenas com a Rússia estariam na ordem de US\$ 6 bilhões.**<sup>3</sup> (tradução e grifo do autor).

Os percentuais dos orçamentos militares chilenos e venezuelanos que se destinam à compra de armamento (se calculados corretamente) são muito superiores ao brasileiro e mesmo ao colombiano, lembrando que a Colômbia enfrenta um conflito interno há décadas. Esse gasto está começando a gerar reações nos países vizinhos, pois enquanto o gasto em defesa aumentou 18,7% no continente no ano de 2008, os gastos com reequipamento aumentaram muito mais: 61,7% (CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA, 2008).

---

<sup>3</sup> En materia de inversiones, un dato llamativo a considerar es el caso de Venezuela, que si bien se encuentra llevando adelante un muy importante proceso de reequipamiento, en la presentación de sus presupuestos de defensa pasó de invertir 133 millones de U\$S en el 2007 a 77 millones de U\$S en el 2008. Evidentemente, los recursos que está destinando a las compras de armamento no se encuentran contenidos en las cuentas del Ministerio que supuestamente los debe contemplar, ya que extraoficialmente las adquisiciones en marcha sólo con Rusia estarían en el orden de los 6.000 millones de U\$S.



### **Composição dos gastos militares sul-americanos (2004)**

País	Pessoal (%)	Reequipamento (%)	Outros (%)
Argentina	82.54	0.65	16.81
Brasil	70.43	2.88	26.69
Chile	58.34	23.46	18.19
Colômbia	56.34	5.97	37.69
Peru	51.81	0	48.19
Venezuela	71.11	15.31	13.59

Fonte: Centro de Estudios Nueva Mayoría, 2004.

Além desse percentual expressivo destinado ao reequipamento, Chile e Venezuela contam com mecanismos específicos não computados no orçamento para a compra de armamentos. No Chile, a Lei Reservada do Cobre fornecerá cerca de três bilhões de dólares no quadriênio 2006-2009 exclusivamente para a aquisição de armamentos. Na Venezuela, as compras são feitas com financiamentos externos específicos, como a chamada “Ley Paraguas” que financiou 640 milhões de dólares em aquisições bélicas no ano de 2006. (IISS, 2008).

Em suma, tentaremos, utilizando os dados que julgamos mais indicados para a análise proposta, estudar o fenômeno de uma forma mais substantiva em relação àquela apresentada na mídia e mesmo em artigos científicos. O objetivo do presente trabalho é, dessa forma, analisar os balanços militares da América do Sul e as compras de material bélico do último decênio, com ênfase nos casos do Chile e da Venezuela. Trata-se de proceder a um estudo dos inventários nacionais, tanto na dimensão quantitativa quanto qualitativa. Daí se extraem as implicações dos gastos militares para a alteração do equilíbrio de poder na América do Sul e as conseqüências decorrentes.

A escolha do estudo de caso recai sobre o Chile e a Venezuela devido ao fato destes países encabeçarem a lista de aquisições de material bélico no período 2003-2008. Optamos por esse período, 2003-2008, dado o grande salto observado nos gastos. A América do Sul triplicou o gasto em armamento se compararmos o triênio 1999-2002 ao triênio 2003-2006, aumentando de \$3,4 bilhões no primeiro a \$11,1 bilhões no segundo (GRIMMET, 2007). Os orçamentos de defesa dos países

da região também tiveram um grande aumento, passando de \$24,7 bilhões em 2003 para \$50 bilhões em 2008.<sup>4</sup> O aumento dos gastos é significativo mesmo se considerarmos que o período em análise foi próspero para as economias sul-americanas, com um crescimento do PIB nos seis anos considerados de aproximadamente 35% segundo dados da CEPAL, e também um período de desvalorização do dólar em comparação às moedas locais.<sup>5</sup>

Como bem aponta VILLA (2007:131) “(...) o reaparelhamento tem acontecido nas diferentes forças armadas da América do Sul atendendo a uma demanda de modernização (...) feita pelas próprias forças armadas”. Não obstante, trabalhamos com a hipótese que no caso de Chile e Venezuela essa modernização é uma ampliação significativa das **capacidades** combatentes existentes e não uma mera reposição de material obsoleto. Essa ampliação altera, portanto, a correlação de forças e as percepções de ameaça no continente.

No Capítulo I, realizamos uma análise quantitativa de capacidades militares utilizando dados de três diferentes fontes: o International Institute of Strategic Studies (IISS), o Jane's Information Group (Jane's) e o Global Defence (GD). Nosso intuito é fornecer um breve panorama do material bélico em operação na região para auxiliar a compreensão das análises dos capítulos subseqüentes.

No Capítulo II, apresentamos os motivos que levam um país a gastar em armamentos e analisamos as aquisições recentes dos dois estudos de caso. Aqui, através de uma análise aprofundada das aquisições militares de Chile e Venezuela, mostramos as conseqüências dessas aquisições para as capacidades desses países.

No Capítulo III, analisamos as reações despertadas nos outros países da região em decorrência dos gastos de Chile e Venezuela. Por fim, nas considerações finais, por meio do resultado obtido nos três capítulos anteriores, analisamos a existência de um comportamento de balança de poder e o impacto político do fenômeno, especialmente para a integração regional.

---

<sup>4</sup> O gasto militar mais que dobrou visto que os dados de 2003 referem-se à América Latina e os de 2008 à América do Sul. Os dados de 2003 são os do IISS (2008) e os dados de 2008 do CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA (2008).

<sup>5</sup> Cálculo do autor baseado em dados da CEPAL. Disponível em: [http://www.eclac.org/prensa/noticias/comunicados/3/33883/tablaPIB\\_EE2007-2008.pdf](http://www.eclac.org/prensa/noticias/comunicados/3/33883/tablaPIB_EE2007-2008.pdf).

## Capítulo I – Balanço Militar Sul-Americano

Esse primeiro capítulo é baseado nas tabelas do Anexo I, que apresentam uma visão comparada dos equipamentos das forças armadas sul-americanas. Utilizando três fontes diferentes, por vezes encontramos números muito díspares, o que demonstra a dificuldade de quantificar o poder militar dos Estados. Os números disponíveis de cada sistema de armas são o fator mais importante na análise da capacidade de combate de cada país. Essa importância reside no fato de estes serem os únicos dados mensuráveis na capacidade de fazer a guerra, isto é, podemos medir a quantidade de tanques, mas não a determinação em lutar ou a sorte em combate<sup>6</sup>.

No entanto, só obtemos o completo significado desses números se eles são analisados no contexto muitas vezes intangível dos fatores qualitativos. A imprecisão de informações, a qualidade do material humano e das munições, assim como a manutenção e o nível de operacionalidade dos equipamentos são fatores que relativizam os números que apresentamos nas tabelas de arsenais e que dificultam conclusões objetivas sobre a real capacidade militar dos Estados.<sup>7</sup> Como afirma MARES (2003:115):

Ainda que isso afete teoricamente todas as nações, é um problema especial na América Latina, onde numerosos exércitos demonstraram sua incompetência no campo de batalha. Já que nem todos os exércitos são incompetentes (...) não é possível calcular um desconto generalizado.<sup>8</sup> (tradução do autor).

No presente capítulo, buscamos apresentar um breve panorama do estado das forças armadas do continente aliando o quantitativo das tabelas a uma breve

---

<sup>6</sup> No caso da América do Sul, seria possível, em tese, inferir algo a partir da análise operacional das guerras das Malvinas (1982), da contra-insurgência no Peru (1992-1999), do Cenepa (1995) e da Guerra Irregular Complexa Colombiana (2000-2008).

<sup>7</sup> Uma tentativa nesse sentido foi feita por DUNNIGAN (2003), que considerou o tema da qualidade de acordo com o “histórico de desempenho”. O autor apresenta tabelas com uma porcentagem qualitativa das forças, sendo os Estados Unidos a base 100 para efeitos comparativos no caso das marinhas. Para as “forças armadas” (exército+ força aérea) o cálculo é semelhante, mas sem uma base para comparação, cada país recebe uma porcentagem de qualidade entre 0 e 100. Por exemplo, os EUA receberam 93% e o Brasil 33%.

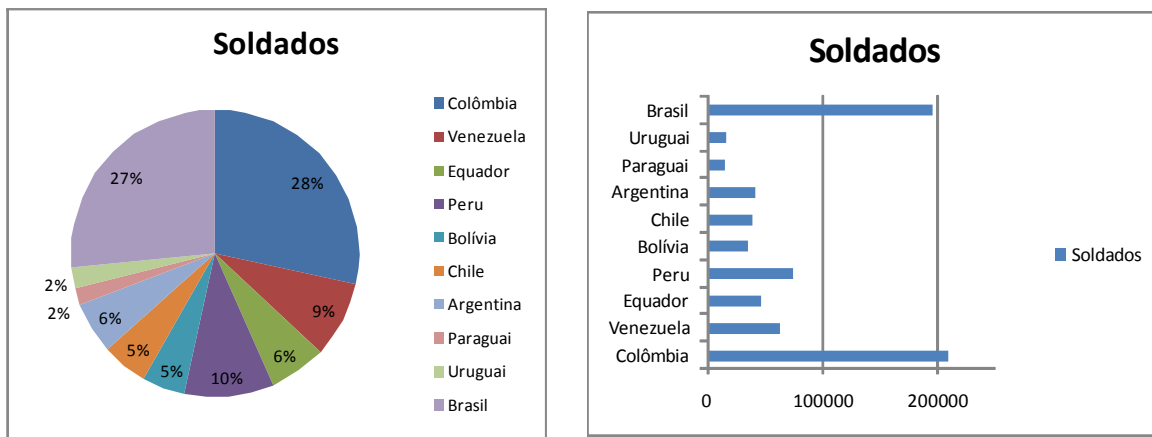
<sup>8</sup> Although this theoretically affects all nations, it is a particular problem in Latin America, where numerous armies have demonstrated their incompetence in battlefield. Since not all the militaries are incompetent (...) one cannot simply impose a general discount rate.

análise da dimensão qualitativa. Nosso objetivo não é elaborar um balanço militar completo do continente, mas oferecer um panorama geral (dos efetivos e dos principais tipos de armamentos) que auxilie a entender a situação presente. Dessa forma, será possível avaliar melhor o impacto das aquisições chilenas e venezuelanas sobre a balança de poder sul-americana, foco principal do trabalho.

## 1.1. Exércitos

### 1.1.1. Soldados

Os exércitos sul-americanos somam um efetivo total de aproximadamente 735.000 homens. Respondendo por mais da metade do total do continente, destacam-se os exércitos brasileiro e colombiano, cujos efetivos somados chegam a 403.400 homens. O exército brasileiro é historicamente um dos maiores da região, enquanto o colombiano teve seu efetivo aumentado enormemente nas últimas décadas, sendo hoje o maior da região. Outro país que se destaca é o Peru, com um efetivo de 74.000 homens.



### 1.1.2. Tanques

Como aponta DUNNIGAN (2003), os tanques são "a arma da decisão". São uma arma de habilidades únicas: um enorme poder de fogo, uma pesada blindagem e uma capacidade de definir uma batalha tanto operando defensiva como ofensivamente.

Dentre os principais MBT's em serviço, podemos citar o alemão Leopard I (Chile e Brasil), os russos T-55 (Peru) e T-67 (Uruguai), o TAM argentino e o

Francês AMX-30 (Venezuela). Todos estes modelos possuem variações em relação ao poder de fogo, blindagem, mobilidade e sistema de tiro. Contudo, essas diferenças técnicas acabam se compensando mutuamente, sendo apenas o Leopard I chileno considerado ligeiramente superior aos demais. Em comparação ao modelo em uso pelo Brasil, a versão chilena é superior, visto que conta com melhor blindagem, melhor sistema de tiro e capacidade de visão noturna (CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA, 2004).

Até recentemente persistia esse razoável equilíbrio de quantidade e qualidade dos arsenais de tanques sul-americanos considerando os Main Battle Tanks (MBT).<sup>9</sup>

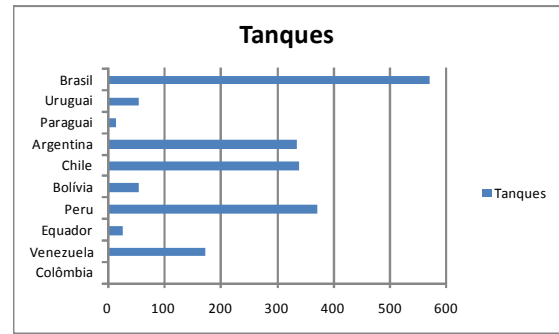
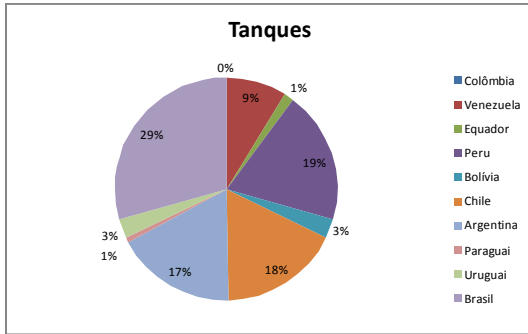
A incorporação de sistemas de última geração pelo Chile, os tanques Leopard II, no entanto, alterou completamente este panorama, o que será analisado nos capítulos seguintes. Excluindo os Leopard II chilenos, encontramos uma distribuição de força homogênea em qualidade e, em menor grau, em quantidade entre os países da região. Os equipamentos sul-americanos atuais foram geralmente projetados e construídos nas décadas de 1960 e 1970 e adquiridos majoritariamente de excedentes de outros países.

Um maior número de forças armadas da região possui os chamados tanques ligeiros (Light Tanks), incluindo aquelas que não possuem MBT's: Bolívia e Paraguai.<sup>10</sup> Geralmente, são equipamentos antigos, e com menor capacidade que os MBT's. Os modelos mais recorrentes são os AMX-13, M-41 e SK-105. A Colômbia chama a atenção por não possuir tanques.

---

<sup>9</sup> Main Battle Tanks são a espinha dorsal das forças blindadas. São projetados para oferecer o máximo poder de fogo, geralmente um canhão de 105mm ou mais, e a máxima proteção contra outros blindados e armamentos antitanque.

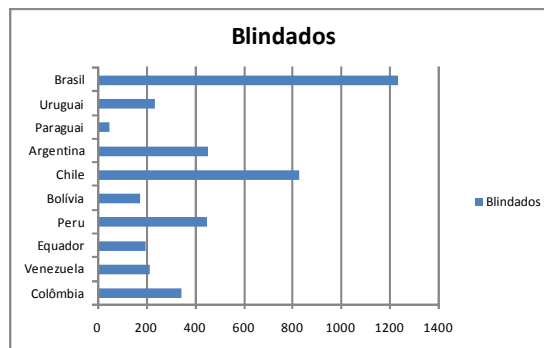
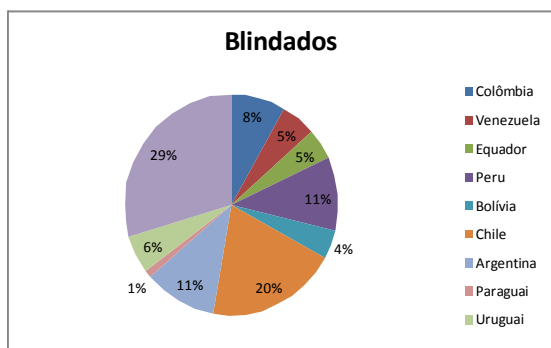
<sup>10</sup> Os Light Tanks são plataformas mais leves, baratas e ágeis que um MBT. Por consequência possuem menos poder de fogo e blindagem. Eram muito comuns na Segunda Guerra Mundial, mas atualmente estão em desuso, pois suas funções foram preenchidas por outros tipos de blindados e armamentos antitanque.



### 1.1.3. Blindados

Como blindados, consideramos os veículos de exploração/reconhecimento (RECCE), os veículos blindados de transporte de tropas, ou Armoured Personnel Carriers (APC), e os veículos de combate da infantaria, ou Infantry Fighting Vehicles (IFV). Os RECCE possuem armamento de grosso calibre, sendo os EE-9 colombianos e paraguaios a principal força blindada de seus países, pois o exército colombiano não conta com tanques em seu inventário. Os APC permitem transportar as tropas para a zona de combate permitindo a sua proteção contra armas leves. Os IFV possuem, além da capacidade de transporte, uma maior capacidade de combate, permitindo aos soldados transportados o combate a partir do interior do veículo.

Os países da região dispõem de uma quantidade de blindados relativamente proporcional ao tamanho dos seus exércitos, sendo que países com grandes efetivos contam com muitos blindados em serviço. Ressalta-se, no entanto, a qualidade e a quantidade de blindados do Chile, mais de oitocentos veículos para um exército de 38.000 homens. Além disso, Chile e Brasil são os únicos países da região que produzem esse tipo de armamento, através das empresas Engesa e Cardoen. (CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA, 2004).



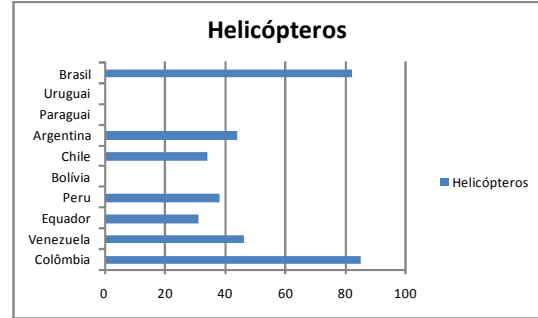
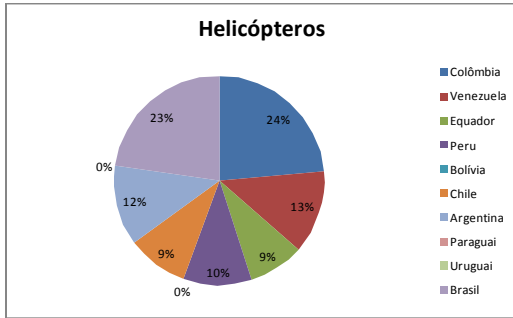
### 1.1.4. Helicópteros

A importância da aviação de asa rotativa do exército vem sendo comprovada há décadas no campo de batalha, fundamentalmente para transporte rápido para a zona de combate, mas também como apoio de fogo aéreo e remoção de feridos. Na América do Sul, a Guerra das Malvinas foi palco dessa importante participação, quando os 19 helicópteros argentinos operaram de forma quase ininterrupta. Além disso, o emprego antiguerrilha do exército colombiano também exemplifica a relevância da aviação do exército. O êxito da experiência colombiana fez com que o país se tornasse a força de helicópteros mais numerosa e poderosa do continente, capaz de transportar simultaneamente 720 soldados. (RUNZA, 2008:5). Outro país que se destaca pelo número de equipamentos é o Brasil. Cabe ressaltar que, assim como no resto do continente, ambas as frotas são majoritariamente de aeronaves de transporte. Alguns aparelhos de transporte poderiam carregar artilharia, no entanto, isso não os configura como helicópteros de ataque.

Os helicópteros AS-342 Gazelle do Equador eram, até a entrada em serviço dos Mi-35 M2 Piraña venezuelanos, os únicos aparelhos com capacidade antitanque.<sup>11</sup> Esses dois modelos são também os únicos helicópteros em serviço nos exércitos sul-americanos que podem ser considerados como “de ataque”.

<sup>11</sup>

O Mi 25/35 se trata de uma versão modernizada e de exportação do Mi-24.



## 1.2. Forças Aéreas

### 1.2.1. Aviões de Caça/Ataque

Nesta categoria, se enquadram as aeronaves com armamentos, aviônicos e desempenho para combate aéreo ou ataque ao solo. Dentre as forças aéreas sul-americanas, podemos apontar Chile e Venezuela como as únicas a dispor de aeronaves de combate de última geração, o Chile com os F-16 Block 52 “Peace Puma” e a Venezuela com os Sukhoi Su-30Mk2. Em segundo plano, podemos apontar os Mirage 2000 de Peru e Brasil, e os Mig-29 peruanos. A grande parte das aeronaves em serviço é das décadas de 1960 e 1970 como o F-5, os Mirage F-1 e os Mirage III. São aeronaves que já estão no final de sua vida útil e que vêm passando por diversos projetos de modernização para prolongar sua vida operacional e adiar a inevitável substituição.

A Argentina possui uma frota numerosa, mas defasada e com baixa operacionalidade. Não há nenhuma licitação em aberto e nem planos de aquisição de novos caças, mas com o fim da vida útil do caças Mirage III em 2011, a Argentina deve optar por uma solução temporária parecida com a do Brasil, que comprou doze caças franceses Mirage 2000 de segunda mão para suprir a lacuna entre a retirada de serviço de seus Mirage III e a conclusão do programa FX-II de licitação para compra de um novo caça. Há notícias que apontam para a possibilidade de abandono do programa FX-II e, em seu lugar, o desenvolvimento de uma aeronave em parceria com outro país, com total transferência de tecnologia para o Brasil.

A aviação de caça da Força Aérea Brasileira é de longe a mais numerosa da América do Sul, contando com inúmeros aviões de ataque A-29 Super Tucano e A-1



AMX e com caças F-5 M e Mirage 2000.<sup>12</sup> O desafio brasileiro é buscar equiparar a qualidade com a das forças aéreas de Peru, Chile e Venezuela.

A aviação de caça boliviana praticamente inexistente, operando antigas aeronaves AT-33 de baixa operacionalidade e capacidade. Assim como na Bolívia, encontramos no Paraguai uma força aérea totalmente desaparelhada, seus caças AT-26 Xavante, doados pelo Brasil, encontram-se estocados e os F-5 que seriam doados por Taiwan nunca chegaram.<sup>13</sup> O Uruguai conta apenas com algumas poucas aeronaves A-37 Dragonfly de ataque em operação. Sua situação somente não é pior que a encontrada no Paraguai e na Bolívia.

O Chile é sem dúvida o país com melhor material nessa categoria, com aeronaves F-16 de última geração. O panorama da Força Aérea Venezuelana alterou-se completamente com a incorporação dos novos caças SU-30Mk2, colocando-a, ao lado do Chile, em um patamar superior de qualidade de equipamento no continente. Mais aeronaves russas devem ser adquiridas, tanto devido aos projetos governamentais de reequipamento quanto pela necessidade de reposição de peças das aeronaves de origem estadunidense.

A Colômbia possui caças mais antigos, à semelhança da maioria dos países do continente. Suas compras de aeronaves têm se focado em aeronaves voltadas à contra-insurgência, como o A-29 Super Tucano da Embraer. Com a incorporação dos novos caças venezuelanos, reforçou-se a tendência de compra de um novo caça por parte da Colômbia, para contrabalançar o vizinho, possivelmente caças israelenses Kfir semelhantes aos operados pelo Equador.

A Força Aérea Equatoriana está tomando medidas para colocar a força aérea do país em melhores condições de defender o espaço aéreo nacional, ao reforçar sua frota com a aquisição de aviões A-29 Super Tucano e com a

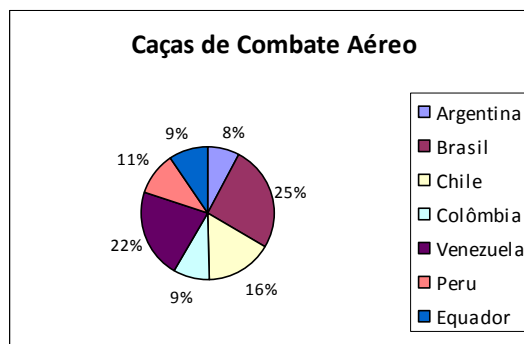
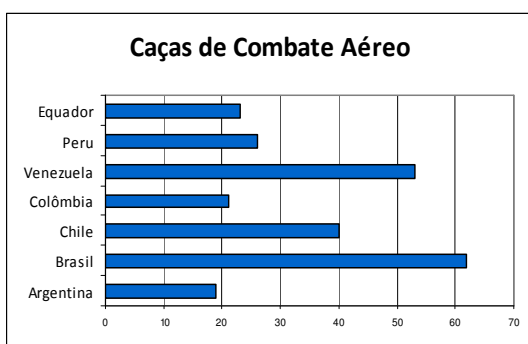
---

<sup>12</sup> Apesar de serem aeronaves construídas na década de 1970 e projetadas na década de 1950, os F-5 brasileiros estão sofrendo modernizações para ampliar sua vida útil até 2020. As 48 unidades estão sendo modernizadas para o padrão "M", que possibilita integração via data-link com as aeronaves de vigilância R-99 e a capacidade de disparar mísseis de médio alcance beyond-visual-range (BVR) israelenses do tipo Derby. A capacidade BVR no continente é restrita aos F-5 brasileiros, aos MIG-29 peruanos, aos F-16 chilenos e, provavelmente, aos Su-30 venezuelanos.

<sup>13</sup> Taiwan anunciou a transferência de jatos F-5 ao Paraguai em 1997. A falta de capacidade de operar as aeronaves e a oposição estadunidense à doação fizeram com que a oferta nunca se materializasse (JANES 2008b).

modernização de seus caças Kfir.<sup>14</sup> Essa necessidade ficou clara após a crise gerada pelo ataque colombiano a um acampamento das FARC em território equatoriano.

O Peru possui uma das forças aéreas sul-americanas melhor aparelhadas. Historicamente, a Força Aérea Peruana tenta manter-se em tal condição, no entanto, apesar de equipamentos modernos em comparação com o resto da região, a operacionalidade encontra-se muito baixa. Em 1984 o país adquiriu alguns Mirage 2000, tornando-se o primeiro país do continente a operar um caça de quarta geração.<sup>15</sup> Além disso, suas aeronaves mais modernas, os Mirage 2000 e os Mig-29 estão em projeto de modernização.



### 1.2.2. Aviões de Transporte e Helicópteros

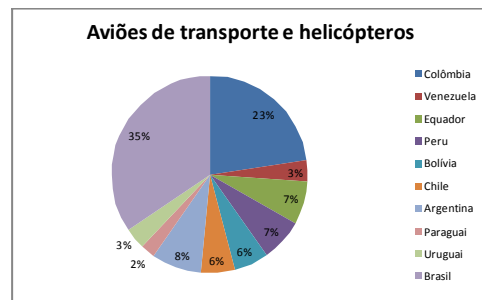
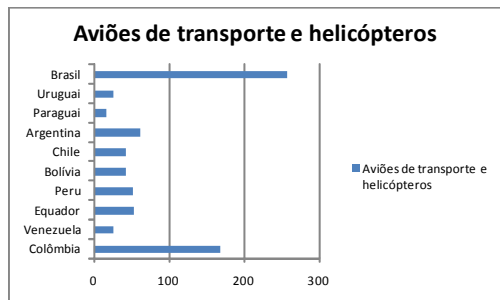
As aeronaves de transporte da força aérea têm como missão auxiliar no transporte de efetivos, equipamentos e mantimentos das três forças. Encontramos nos países sul-americanos uma quantidade de aeronaves proporcional ao tamanho dos exércitos, grandes efetivos correspondendo a grandes frotas. Exceção feita ao Brasil, o segundo maior efetivo, mas a maior frota com vantagem. Cabe, no entanto, ressaltar que a grande maioria das aeronaves de transporte brasileira é de pequeno e médio porte. Muitos países sul-americanos estão em processo de compra de aeronaves de médio e grande porte para transporte, uma carência comum na região e uma capacidade essencial para o êxito no campo de batalha.

<sup>14</sup> O Sucesso do A-29 Super Tucano no ataque colombiano ao acampamento das FARC no território equatoriano acabou levando o país a adquiri-lo.

<sup>15</sup> Aeronave de quarta geração é o termo utilizado para designar aeronaves em serviço desde a década de 1980. São caças multi-emprego que incorporaram o que foi aprendido sobre combate aéreo nas décadas passadas, especialmente nos conflitos na Indochina.(DUNNIGAN, 2006)

A função dos helicópteros é complementar o trabalho dos aviões de transporte. Chama à atenção a grande quantidade de helicópteros dos dois grandes exércitos da região. Isso possibilita a Brasil e Colômbia um rápido deslocamento de grandes contingentes para regiões em conflito.

Assim como Equador e Venezuela dispõem de helicópteros de ataque na aviação do exército, Colômbia e Peru contam com aeronaves deste tipo em suas forças aéreas, adicionando uma capacidade à frota de asa rotativa. A Colômbia opera aeronaves MD-500 e MD-530, enquanto o Peru está equipado com aparelhos Mi-25, que são, *grosso modo*, uma versão anterior e com menos capacidades que os Mi-35 venezuelanos.

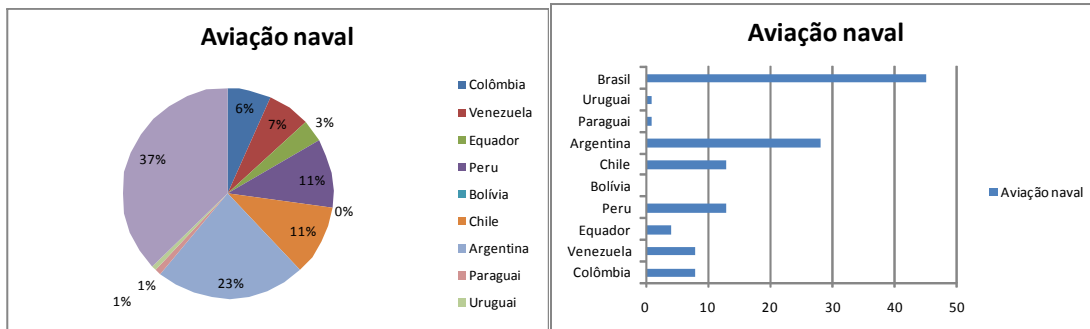


## 1.3. Marinhas

### 1.3.1. Aviação Naval

Apenas Brasil e Argentina possuem aviações navais de asa fixa com capacidade de ataque. Ambos possuem um número similar de aeronaves, assim como um caça em comum, o A-4 Skyhawk. A Argentina também opera o caça Super Etandard, com capacidade de operar o míssil antinavio AM-39 Exocet, uma arma que se mostrou muito eficiente no conflito das Malvinas. O Brasil possui a vantagem de poder operar seus aviões a partir do porta-aviões São Paulo, o único do continente, mas não dispõe da excelente combinação Super Etandard-Exocet para emprego antinavio.

As outras forças navais do continente fazem valer a sua capacidade de ataque e anti-submarino apenas com o uso de helicópteros, utilizando as aeronaves de asa fixa nas missões de transporte e patrulha. Brasil, Argentina e Chile são, nessa ordem, os países com mais helicópteros com capacidade anti-submarino e anti-superfície.



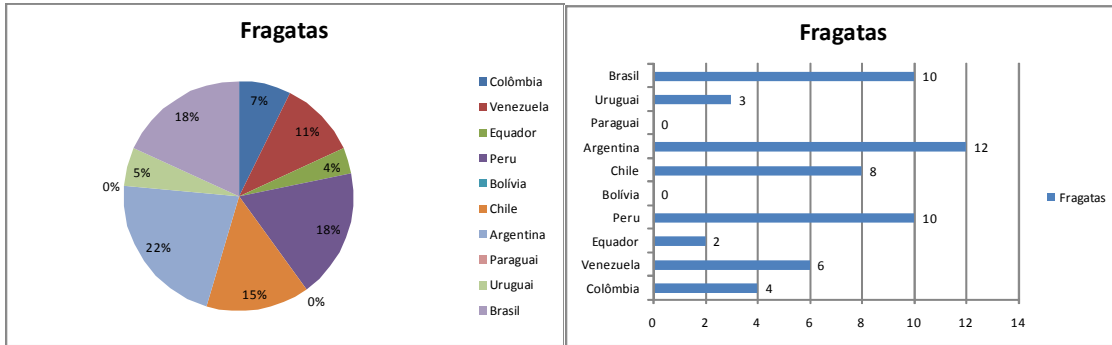
### 1.3.2. Fragatas

As fragatas são vasos de guerra polivalentes, destinados a patrulha de águas profundas e com uma tonelage que varia entre 1.500t e 8.000t.<sup>16</sup> São utilizadas no emprego anti-submarino, antiaéreo ou anti-superfície e, via de regra, operam um ou mais helicópteros embarcados.

As fragatas mais modernas em serviço no continente são as de Classe M e de Classe 23 pertencentes à Marinha do Chile. A Classe 23 foi comissionada na década de 1990 na Royal Navy e incorpora as lições aprendidas na Guerra das Malvinas. A Classe M holandesa, também da década de 1990 é uma nave verdadeiramente multipropósito, com capacidade anti-superfície, antiaérea e anti-submarina.

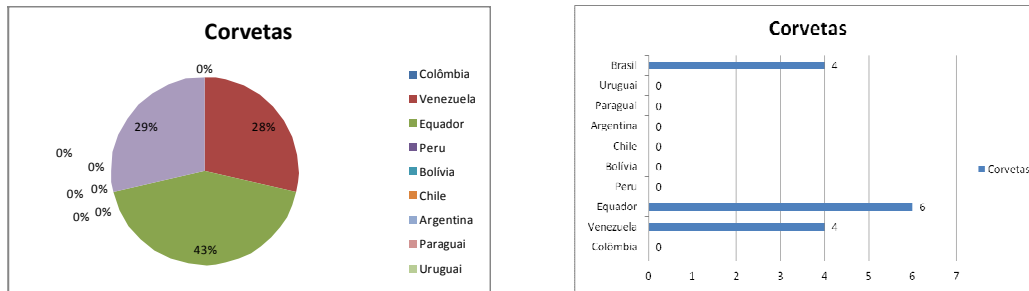
A maior parte das outras fragatas, assim como das corvetas, são modelos das décadas de 1960 e 1970. As unidades mais modernas à exceção das já citadas são as da Classe MEKO em serviço na Argentina, da Classe Lupo no Peru e na Venezuela e da Classe 22 no Brasil e no Chile. Em termos quantitativos destacam-se Brasil, Argentina, Peru e Chile. Qualitativamente, como veremos no capítulo seguinte, as unidades chilenas são muito superiores as demais.

<sup>16</sup> Na falta de uma classificação universal dos vasos de guerra quanto a sua capacidade, optamos por seguir a classificação do Jane's e do IISS.



### 1.3.3. Corvetas

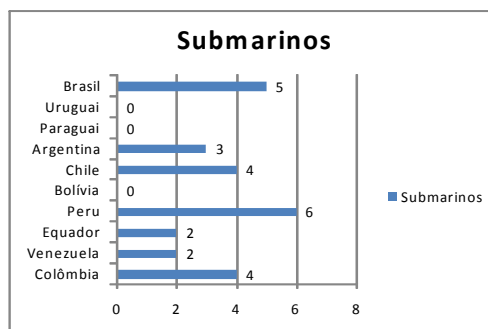
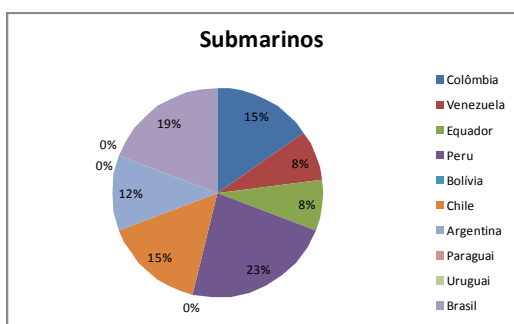
As Corvetas são, *grosso modo*, fragatas ligeiras. Diferenciam-se das fragatas por uma menor tonelagem, por um armamento simplificado e por ter uma capacidade de operação essencialmente costeira. Algumas possuem capacidade de operar um helicóptero embarcado como a nova Classe Barroso da Marinha do Brasil, que, por sinal, destaca o país qualitativamente na região.



### 1.3.4. Submarinos

Os submarinos são usados por praticamente todos os países sul-americanos, sendo o modelo alemão Type 209 em suas diversas versões o equipamento padrão das forças. O Type 209 está em serviço nas marinhas de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. A Classe TR-1700, em serviço na Argentina, possui maior tamanho que a Type-209, mas capacidades semelhantes. Os dois submarinos de fabricação franco-espanhola da Classe Scorpène em operação no Chile são os mais modernos do continente. São os únicos a dispor de uma verdadeira capacidade oceânica, junto com os TR-1700 argentinos.

Na América do Sul, apenas Brasil, Chile e Peru possuem estaleiros capazes de reparar e modernizar submarinos. A Argentina já liderou esse ramo da indústria bélica sul-americana, porém o sucateamento e as privatizações da década de 1990 alijaram essa capacidade. O Brasil é o único país do continente a dispor de capacidade de construção de submarinos, além de ser também o único com um programa de submarino de propulsão nuclear.





## Capítulo II – Análise do Perfil dos Gastos: Venezuela e Chile

Como aponta KRAUSE (1995:193), é muito difícil generalizar os motivos pelos quais um país busca a aquisição de novos armamentos, cada caso é único e as intenções reais podem não ser aquelas presentes no discurso oficial. Contudo, o autor aponta três grandes conjuntos de motivos – não exclusivos - que levam os Estados a adquirir armas:

**Internos** (incluindo a proteção do regime contra ameaças internas ou utilizando o desenvolvimento militar como vetor de modernização social e econômica), **regionais** (incluindo a garantia de segurança, a participação em guerras e a aquisição de influência ou hegemonia regional) e **sistêmicos** (incluindo a busca por status, poder e prestígio)  
<sup>17</sup> (tradução do autor, grifo nosso)

No presente trabalho, daremos mais ênfase ao escopo interno e regional, tanto no que se refere às motivações como no que se refere às conseqüências dos gastos. Quanto à dificuldade em classificar os gastos militares, é importante a contribuição de BUZAN & HERING (1998:79):

Existe uma grande necessidade de encontrar um termo para a condição normal das relações militares, visto que a ausência de tal termo tem facilitado o uso excessivo de “corrida armamentista”. Se encontrarmos um termo para essa condição normal das relações militares, também teremos que encontrar um para descrever o fenômeno em sua totalidade, incluindo tanto o comportamento normal como a “corrida armamentista”. Utilizamos o termo “dinâmica armamentista” (*arms dynamic*) para nos referir ao conjunto de pressões que levam os atores a adquirir

---

<sup>17</sup> Internal (including securing the regime against internal threats or using military development as a vehicle for social and economic modernization), regional (including guaranteeing security, fighting wars and acquiring regional influence or hegemony) and systemic (including the pursuit of status, power and prestige)



material bélico e a alterar a quantidade e a qualidade das forças armadas que já possuem. (tradução do autor) <sup>18</sup>

Nesse trabalho, adotamos essa proposta de facilitar a análise por meio da delimitação da dinâmica armamentista de BUZAN & HERING (1998) <sup>19</sup>:

<b>Corrida Armamentista</b> (Arms Race)	Manifestação mais extrema da dinâmica armamentista. Expressão da intensificação das rivalidades políticas, presente quando os Estados estão em mobilização total para guerra.
<b>Manutenção do Status Quo</b> (Maintenance)	Condição normal da dinâmica.
<b>Competição Armamentista - Build Up</b> (Arms Competition - Build-up)	Zona cinzenta entre as condições anteriormente descritas. As relações entre todos os virtuais adversários são enquadradas nesse conceito. Nessa competição os países tentam abandonar o <i>status quo</i> e obter uma vantagem vis-à-vis seu(s) concorrente(s).

Temos que levar em conta a extrema dificuldade de inferir intenções a partir de capacidades adquiridas. Essa grande dificuldade de definir intenções e de classificar dinâmicas de aquisição de armamentos como ofensivas ou defensivas é um dos fatores que leva o dilema de segurança a operar nas relações inter-estatais. Um Estado pode, por exemplo, comprar armamentos para obter prestígio e isso ser avaliado pelos países vizinhos como uma ameaça. KRAUSE (1995:195) aponta

---

<sup>18</sup> There is an especially strong need to find a term for the normal condition of military relations, because it's the absence of such a term that has facilitated the overextended use of "arms racing". If we find a term for the normal condition of military relations then we also need one to describe the whole phenomenon, including both normal behavior and arms racing. We use the term "arms dynamic" to refer to the entire set of pressures that make actors both acquire armed forces and change the quantity and quality of the armed forces they already possess.

<sup>19</sup> Ainda que muito útil, essa terminologia não resolve problemas como, por exemplo, como mensurar de que forma uma dinâmica passa da manutenção do *status quo* a um *build up*.

como exemplo desse fenômeno a corrida sul-americana para adquirir jatos supersônicos na década de 1960:

O Peru foi o primeiro país a adquirir tais aviões; em 1975, Argentina, Brasil, Chile e Venezuela já haviam seguido o exemplo e também adquirido. Nenhuma guerra eclodiu, nenhuma foi desejada, e todos os países foram forçados a gastar muito mais do que desejavam com a defesa nacional.<sup>20</sup> (tradução do autor)

Nosso grande desafio nesse capítulo é mostrar as conseqüências para as capacidades decorrentes das aquisições. Utilizamos em nossa análise a premissa que a preparação militar de um Estado está diretamente relacionada com os objetivos reais de sua diplomacia. Isto é, uma vez que não podemos inferir intenções, nos concentramos em analisar possibilidades a partir das capacidades.

Nesse capítulo buscamos fazer um apanhado das intenções declaradas de Chile e Venezuela para justificar as aquisições, além de fazer um breve histórico das compras e uma análise do aumento das capacidades militares decorrentes nos dois Estados.

## **2.1. Venezuela – *Una Revolución Armada*<sup>21</sup>**

Os gastos militares venezuelanos têm chamado a atenção da imprensa e da academia nos últimos anos. A Venezuela passou de 56º no ranking de compradores de armas em 1998-2002 a 24º em 2003-2007. (SIPRI, 2008:306) Além da intensidade, as aquisições do país atraem atenção por serem acompanhadas de grande propaganda política do governo Chávez e de certa apreensão com suas intenções para a América do Sul. De certa forma, essa atenção ajuda Chávez a

---

<sup>20</sup> Peru was the first state to acquire such planes; by 1975 Argentina, Brazil, Chile and Venezuela had all followed suit. No war broke out, none was intended, and all states were forced to spend more than would have wanted on national defence.

<sup>21</sup> “Es nuestra revolución una revolución pacífica, y quiere seguir siendo pacífica, pero que no se equivoque nadie. Esta es una revolución armada”. Declaração do Presidente Chávez em 24/06/2008

projetar uma imagem de poder tanto internamente como parte de sua política externa.

O processo venezuelano de gastos militares nos últimos anos tem sido alto, mas não tão constante como, por exemplo, o chileno. Praticamente todas as áreas das três forças já foram contempladas ou há planos para tal. Os gastos, que até 2000 podem ser considerados moderados, aumentaram desde então, sendo o ano de 2006 o grande pico de aquisições de material bélico até o presente.

A Rússia tem sido o grande fornecedor e aliado estratégico do governo Chávez. A aproximação com a Federação Russa está ligada ao cancelamento do acordo militar Venezuela - Estados Unidos no ano de 2005 por ordem do presidente Chávez. No mesmo ano, o governo norte-americano vetou a modernização dos caças F-16, assim como a venda de aeronaves de transporte espanholas C-295 e de A-29 Super Tucanos brasileiros, por contarem com tecnologia norte-americana. Esse processo culminou, em 2006, na restrição da venda de armas à Venezuela por Washington. Essa dependência de alguns componentes provenientes dos Estados Unidos fez com que Brasil e Europa perdessem bilhões de dólares em negócios com a Venezuela para a indústria bélica russa.

Embora o argumento oficial norte-americano enfatize que o governo de Hugo Chávez se transformou numa força “desestabilizadora na América Latina”, e tanto a Secretaria de Estado, a Secretaria de Defesa e sub-Secretariado para Assuntos Interamericanos compartilhem essa crença uma outra motivação de fundo tem a ver com o fato de que depois da moratória de venda de armas para a região que vigorou até 1997, pensavam os governantes estadunidenses que a América Latina operaria sob um princípio de reserva de mercado. A venda de armas por Espanha e Rússia ao governo da Venezuela desestabilizou essa idéia que era uma das motivações chaves para a liberação da venda de armas a países latino-americanos. (VILLA, 2007:127)

O governo Chávez justifica seus gastos como uma reposição de material obsoleto. Além disso, alega estar se preparando para uma guerra assimétrica e para dissuadir uma possível invasão norte-americana, que teria como objetivo pôr fim à Revolução Bolivariana. Esta suposta ameaça estadunidense é também a justificativa para a criação de uma força de reservistas de um milhão de homens, segundo as estimativas de Chávez, e de 200.000 homens segundo o IISS. Essa força já está

sendo treinada, inclusive com exercícios de simulação de uma invasão estrangeira. (JANES, 2008c). Outro fator não citado por Caracas é a necessidade de compensar a ajuda militar norte-americana recebida pela vizinha Colômbia, através dos planos “Colômbia” e “Patriota”. (MALAMUD & ENCINA, 2007). Mesmo porque o exército colombiano é o maior da América do Sul, contando com significativa capacidade de projeção de força graças a seus helicópteros.

A primeira grande aquisição de armamentos venezuelana ocorreu na visita do presidente Chávez a Moscou em novembro de 2004, que culminou na compra de 100 mil fuzis de assalto Kalashnikov AK-103 e AK-104, 5 helicópteros de transporte Mi-17, um helicóptero de transporte Mi-26 e três helicópteros de ataque Mi-35. Além dessas compras, foi acertada a construção, prevista para 2010, de duas fábricas de fuzis Kalashnikov e de munição para estas armas. (RIA NOVOSTI, 2007). Em julho de 2006, outra visita de Chávez a Moscou e mais uma grande compra: 24 caças Su-30Mk2 e 38 helicópteros dos modelos Mi-17 e Mi-35, totalizando mais de quatro bilhões de dólares em dois anos.<sup>22</sup>

O plano venezuelano de modernização da sua defesa está atualmente passando por um período de menos aquisições. Isto se deve a problemas de financiamento das compras e não ao fim do processo. A Rosoboronexport, empresa exportadora do material bélico russo, está relutando em aumentar a linha de crédito ao governo da Venezuela. Está em negociação um crédito de 800 milhões de dólares (o valor total dos equipamentos deverá ultrapassar os dois bilhões de dólares) para a compra de três submarinos, 12 caças, 14 aviões de transporte e 12 helicópteros. (HIGUERA, 2008a).

A compra de submarinos já está atrasada e, por esse motivo, o governo venezuelano optou por três unidades do modelo 636 (Classe Kilo Atualizada), mas somente pôde encomendar uma. Um lote de doze caças Su-30Mk2, suplementar aos 24 já entregues, e destinado para substituir os Mirage 50 que serão retirados de serviço no final de 2008, também foi afetado pelas dificuldades econômicas. A prioridade orçamentária foi dada às aeronaves de transporte Ilyushin Il-76. Duas unidades serão entregues até o final do ano, duas no início de 2009 e mais 12 (duas

---

<sup>22</sup> A quantidade de cada modelo e mesmo a quantidade total de helicópteros adquiridos diverge de fonte em fonte.

da versão avião-tanque Il-78) ao longo do ano de 2009. Outra aquisição comprometida foi a dos helicópteros de ataque Mi-28N Night Hunter. Dos 12 previstos somente quatro foram encomendados até o momento. (HIGUERA, 2008a).

Além do orçamento destinado à defesa, a Venezuela conta com uma forma de financiamento externo para compra de armamentos, a chamada “Ley Paraguas”. Ela possibilita a aquisição sem os procedimentos orçamentários normais e dificulta a mensuração do valor gasto pelo governo Chávez no seu ambicioso projeto de modernização das forças armadas. Por esse mecanismo, as compras são financiadas por linhas de crédito obtidas no país de origem do equipamento, no caso a Rússia. (IISS, 2008:59). Esse mecanismo vinha operando com sucesso até o momento, no entanto, as dificuldades de financiamento dos novos contratos devem adiar ao menos até o fim do ano o anúncio de novas aquisições. Na visita de Chávez a Moscou em setembro de 2008, mais US\$ 1 bilhão foi concedido em crédito, o que sinaliza uma retomada das compras e um acerto financeiro entre as partes. (RIA NOVOSTI 2008a).

<b>Principais Aquisições</b>				
<b>1998-2008</b>				
<b>Designação</b>	<b>Tipo de Equipamento</b>	<b>Qt.</b>	<b>Origem</b>	<b>Entrega</b>
PVZEE	Fragata	4	Espanha	2009
BVL	Corveta	4	Espanha	2008(previsto)
Mil Mi-28N Night Hunter	Helicóptero de Combate	10	Rússia	2008(previsto)
Il-76MD Candid,	Avião de Transporte Pesado	4	Rússia	2008(previsto)
TOR M1	Baterias Antiaéreas	3	Rússia	2008(previsto)
K-8	Jato de Treinamento		China	2009(previsto)
JYL-1	Radar de Vigilância 3D	3	China	2007
Rodman 55	Barco de Patrulha	20	Espanha	2008
Rodman 66	Barco de Patrulha	8	Espanha	2008
Rodman 101	Barco de Patrulha	12	Espanha	2009
Sukhoi Su-30MK2	Caça Multi-propósito	24	Rússia	2006
Mi-35M2 Piraña	Helicóptero de Combate	10	Rússia	2005
Mi-17V-5	Helicóptero de Transporte	20	Rússia	2005
Mi-26T2 Halo	Helicóptero de Transporte	3	Rússia	2007
7.62 mm AK-103	Fuzil de Assalto	100.000	Rússia	2005
SVD Dargunov	Fuzil de Assalto (Sniper)	5.000	Rússia	2007
Super King Air 200	Avião de Transporte Leve	3	EUA	2006
Ce-172L	Avião de Treinamento	3	EUA	2006
B206BJet Ranger	Helicóptero de Treinamento	3	EUA	2007
Ce-208Bcaravan	Avião de Transporte	4	EUA	2006
ENTCS 2000	Sistema de Combate Naval	2	Israel	2000

<b>Planos de Aquisição</b>				
<b>Designação</b>	<b>Tipo de Equipamento</b>	<b>Qt.</b>	<b>Origem</b>	
BMP-3 (provável)	APC	600	Rússia	
Il-78MK Midas	Avião tanque	2	Rússia	
Il-76MD Candid,	Avião de Transporte Pesado	10	Rússia	
Su-35 ou Su-30	Caça Multi-propósito	24-36	Rússia	
Kilo	Submarino	4	Rússia	
Amur Class	Submarino	6	Rússia	
<b>Compras Embargadas</b>				
<b>Designação</b>	<b>Tipo de Equipamento</b>	<b>Qt.</b>	<b>Origem</b>	
EMB-314 Super Tucano	Avião de Ataque Leve	24-48	Brasil	
L-159	Avião de Treinamento	n/a	Rep.Tcheca	
CASA C-295	Avião de Transporte	12	Espanha	
Scorpène	Submarinos	11	França	

Autor: **DULLIUS**, 2008. Fontes: JANES, 2008c e IISS, 2008

### **2.1.1. Exército**

#### **2.1.1.1. Tanques**

O tanque T-90 foi oferecido a Caracas, segundo a imprensa russa. (RIA NOVOSTI, 2008b). Não existem maiores informações sobre a renovação da frota de tanques. O modelo T-90 é considerado como equivalente em capacidades ao Leopard 2A4 em serviço no Chile, colocando a Venezuela em grande vantagem na região setentrional da América do Sul, com os únicos tanques em serviço na referida região.

#### **2.1.1.2. Blindados**

Em 2004, o Ministério da Defesa licitou a compra de 200 blindados de transporte de infantaria (APC). Em 2007, o requerimento foi expandido para 600 unidades. O modelo russo BMP-3 será o provável escolhido, ainda que se enquadre como um IFV, dada sua capacidade de combate. (JANE'S, 2008b). O BMP-3 é um blindado anfíbio com capacidade de transporte de sete soldados cujo armamento principal é um canhão de 100 mm capaz de disparar projéteis explosivos, antitanque e mísseis. (FAS, 2008a). Ainda que a tendência aponte que as 600 unidades serão

de dois diferentes modelos, o BMP-3 e outro com menos capacidade de combate, se a compra de 600 unidades do BMP-3 for efetivamente confirmada, a Venezuela ganhará uma força blindada de transporte e combate sem paralelo na região amazônica, mesmo a compra dos T-90 não se confirmando. Embora não possam ser considerados MBT's, os BMP-3 seriam superiores a grande parte dos tanques em serviço no continente.

Foram também adquiridos entre 2006 e 2007 310 veículos do Modelo Tiuna, de fabricação venezuelana. Trata-se de um veículo multiuso capaz de transportar nove soldados. Algumas unidades possuem capacidade antiaérea e antitanque.<sup>23</sup>

### **2.1.1.3. Aviação do Exército**

Os 53 helicópteros comprados junto à Rússia adicionaram uma capacidade de transporte e ataque no exército venezuelano que praticamente inexistia. A incorporação do helicóptero Mi-35M2 Piraña adicionou uma capacidade de ataque antes inexistente no exército do país. A aeronave pode ser equipada com foguetes ou mísseis antitanque e pode ser utilizada para transportar até oito soldados. (FAS, 2008b). Se trata de uma versão modernizada e de exportação do Mi-24, que ficou célebre na Guerra do Afeganistão (1979-1989).

O Mi-24/Mi-35 é a espinha dorsal do apoio aéreo aproximado do exército russo. Sua substituição pelo modelo Mi-28, mais novo, começará nas forças russas em 2008. A Venezuela será o primeiro país estrangeiro a operar os novíssimos Mi-28NE Night Hunters, com comissionamento na força aérea previsto para 2009.

As vantagens venezuelanas de ser um dos poucos países a operar helicópteros de ataque no continente serão imensamente ampliadas com o comissionamento dos Mi-28. O Mi-28 é uma aeronave dedicada totalmente ao ataque, otimizada para o emprego antitanque e capaz de operar à noite e em qualquer condição meteorológica. (FAS, 2008c). Contudo, a função principal do sistema é a supressão de radares e defesa aérea inimiga.

---

<sup>23</sup>

Site do fabricante com as especificações das diferentes versões <http://www.cenareca.com/>

## **2.1.2. Força Aérea**

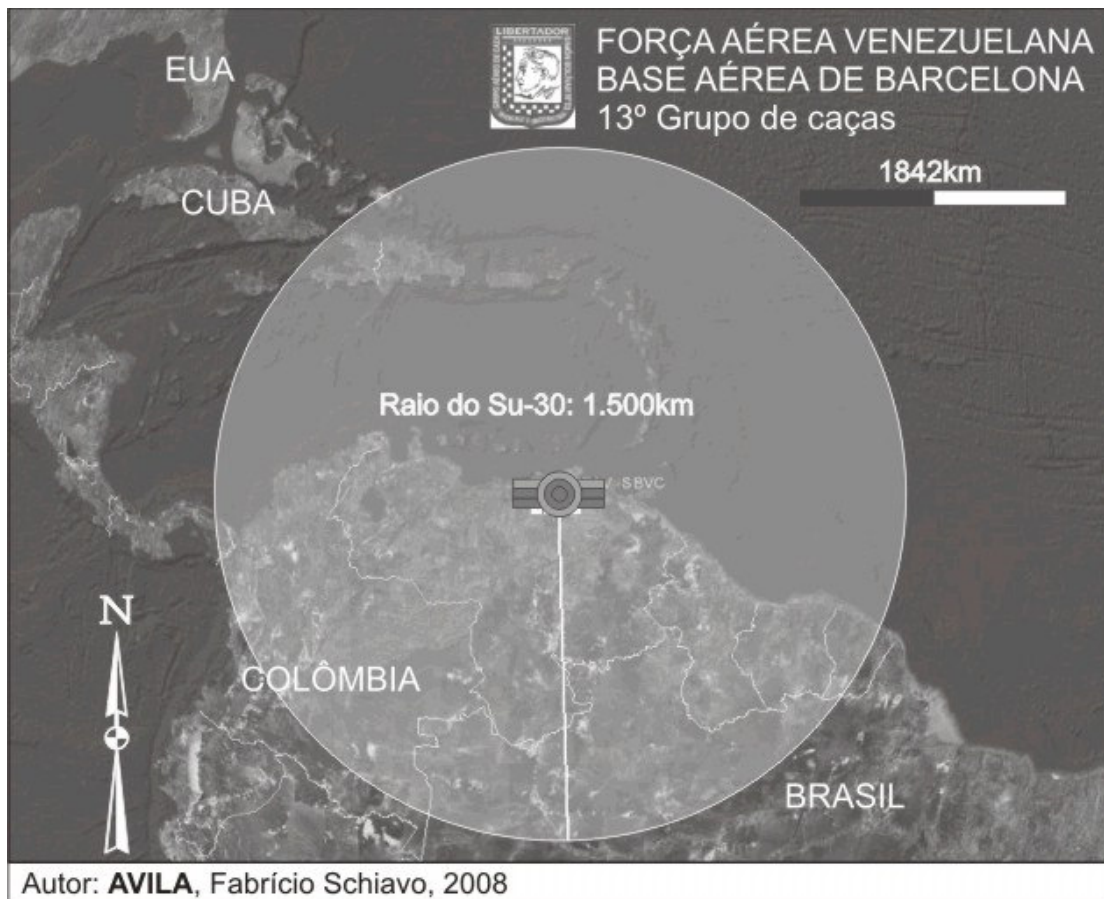
### **2.1.2.1. Aviões de caça/ataque**

Os caças Sukhoi Su-30Mk2 foram sem dúvida a aquisição militar mais noticiada na imprensa sul-americana nos últimos anos. A escolha do caça russo está situada no contexto da recusa estadunidense de fornecimento de equipamentos militares e mesmo de reposição de peças para os F-16 A/B venezuelanos. Já em 2001, a Venezuela estudava a compra de aeronaves russas, porém o plano de aquisição era de 50 unidades do modelo MIG-29. Em junho de 2006, foi feita a encomenda dos Su-30Mk2: um primeiro lote de 24 caças terminou de ser entregue em 2008 e uma nova encomenda de mais doze unidades deve ser anunciada em pouco tempo. (HIGUERA, 2008b). A dúvida é se Chávez incorporará mais um lote do Su-30Mk2 ou irá aguardar o início da produção dos novos Su-35. (RIA NOVOSTI 2008c).

O Su-30Mk2 é uma aeronave extremamente poderosa, que destaca a Força Aérea Venezuelana em relação aos vizinhos. É uma aeronave de emprego multifunção, podendo realizar funções de superioridade aérea, ataque ao solo ou antinavio. Com uma carga de 4.000 Kg de bombas, seu raio de operação é de aproximadamente 1500 km, que pode ser aumentado em 500 km com reabastecimento aéreo. (GLOBAL SECURITY, 2008). O raio de ação e a capacidade de carga da aeronave são superiores a qualquer outra aeronave na América do Sul. Trata-se de uma arma com um grande poder dissuasivo mesmo contra grandes potências como os EUA, pois seus mísseis antinavio, por exemplo, criam um anel de segurança de 100 km a partir da costa venezuelana.



**Figura 1**



As aeronaves OV-10 Bronco seriam substituídas por algo entre 24 e 48 unidades do brasileiro Super Tucano, mas a presença do motor americano impediu a realização do negócio. No seu lugar, foram encomendados os helicópteros de ataque Mi-28 já mencionados. Para treinamento, foram adquiridos 18 jatos K-8 de fabricação chinesa, que também podem ser operados como aeronaves de ataque leve. (JANE'S, 2008b).

### **2.1.2.2. Transporte**

A renovação/ampliação da aviação de transporte também foi prejudicada pelo embargo norte-americano, que impediu a compra de aeronaves CASA C-295 de fabricação espanhola. Em seu lugar, o governo Chávez optou pelas aeronaves Ilyushin Il-76, de grande capacidade de carga. Cada Il-76 pode transportar 48

toneladas, o equivalente a 225 soldados armados ou 128 pára-quedistas. Com a entrada em serviço das doze unidades previstas - que estão apenas aguardando o financiamento - a capacidade de deslocamento rápido e em grande volume das forças armadas venezuelanas será expandida consideravelmente. Seria possível enviar cerca de 2.500 soldados para auxiliar a Bolívia, por exemplo, com apenas uma viagem de cada aeronave.

### **2.1.3. Marinha**

#### **2.1.3.1. Submarinos**

O aumento da frota de submarinos de ataque é o cerne do plano venezuelano de expansão da capacidade da marinha nacional. (JANE'S, 2008b). A primeira opção foi o francês Scorpène, a mesma escolha da marinha chilena. Com o fracasso das negociações, a Venezuela sondou a compra dos russos da classe Amur (Type 1650). As notícias na imprensa russa dão conta que o governo Chávez foi persuadido a não aguardar a entrada em serviço da nova classe Amur, começando o reequipamento com cinco submarinos da Classe Kilo Atualizada (Tipo 636) e, posteriormente, complementando a frota com equipamentos da Classe Amur.

O modelo 636 já encomendado é um projeto recente, datado de 1997. São destinados ao emprego costeiro, com um nível de ruído tão baixo que o torna praticamente imperceptível aos sonares inimigos. Apesar de não contarem com a capacidade de projeção de forças dos Scorpène, sua furtividade e modernidade o torna a melhor opção para a defesa costeira.

A classe Amur, sendo confirmada sua compra pela marinha venezuelana, tornará o país o único com um submarino de novíssima geração em operação, superior inclusive ao Scorpène chileno. A classe Amur será ainda mais silenciosa que a Kilo, e contará com uma “*Air Independent Propulsion*” que proporciona uma autonomia de até 45 dias e uma capacidade de projeção oceânica, o que equivale dizer, capacidade de ataque em quase toda América do Sul.

#### **2.1.3.2. Fragatas e Corvetas**

Um dos poucos negócios que não foram bloqueados pelo embargo americano foi a compra de navios da construtora espanhola Navantia. Em 2005, foram encomendados oito navios, quatro fragatas PVZEE (*Patrullero Oceanico de Vigilancia de la Zona Económica Exclusiva*) e quatro corvetas BVL (*Buque de Vigilancia Litoral*). São destinados a operar tanto no litoral como no oceano e são equipados com modernos sistemas de armamentos, canhões e mísseis antinavio e antiaéreos. A atual capacidade da marinha venezuelana é modesta. Contudo com a entrada em serviços dos novos submarinos, fragatas e corvetas, ela entrará em um novo patamar. Será um sólido escudo marítimo apoiado na maior e mais moderna frota de submarinos do continente.

## 2.2. Chile: “Por la Razón o por la Fuerza”<sup>24</sup>

Apesar da grande divulgação dada às aquisições venezuelanas, o Chile é o país que possui o maior programa do continente de modernização e reequipamento das três forças armadas. (JANE'S, 2008a). Essa constatação é facilmente validada se observarmos a grande quantidade de material bélico de última geração adquirida por Santiago na última década, fazendo o Chile o 12º maior no ranking mundial dos compradores de armas no período 2003-2007, uma posição considerável. (SIPRI, 2008:305). O “Libro de la Defensa Nacional” publicado em 2002 fundamentou a necessidade de renovar o armamento na situação de obsolescência e alto custo de manutenção do material existente.

O processo chileno de reequipamento está alicerçado na “Ley Reservada del Cobre” (LRC):

O sistema de aquisições tem como componente principal a Lei Reservada do Cobre. Esta lei data da década de 1940 e é estruturada para levar a cabo o processo de financiamento, de distribuição dos recursos, de aprovação e de aquisição de material bélico proposto pelas Forças Armadas. **Estes recursos só podem ser utilizados para a**

---

<sup>24</sup>

Lema presente no escudo nacional.

**aquisição de sistemas de armas e equipamentos.** <sup>25</sup>  
(CHILE, 2002, grifo e tradução do autor).

Originalmente a lei previa que as mineradoras privadas deveriam destinar 7,5% de sua receita para as forças armadas do país. Em 1971, as reservas de cobre foram nacionalizadas e passaram a ser administradas pela estatal Codelco. Com o início do governo militar em 1973, uma nova lei foi promulgada, passando a dispor que a Codelco deveria repassar 10% do valor do cobre exportado às forças armadas chilenas para aquisição de equipamento.

Desde o ano 2000, a média anual dos repasses tem sido US\$250 milhões anuais, mas os altos preços do cobre fizeram que esse valor fosse elevado para US\$1,3 bilhão em 2006 e US\$1,4 bilhão em 2007. A previsão é que durante o governo Bachelet (2006-2010), seja destinado um total de US\$10 bilhões, que somados aos US\$3 bilhões do período 1995-2005, totalizam valor sem precedentes na história chilena, sem paralelo nem mesmo com o período Pinochet. Esse valor, no entanto, depende da manutenção da alta demanda e do preço do minério. (JANE'S, 2008a; ECONOMIST, 2008). Uma proposta de extinção da lei está em discussão em Santiago, a Codelco demanda que não pese sobre a empresa o fardo de financiar os armamentos do país. Não está claro se a LRC será alterada para desonerar a Codelco ou será extinta.

O grande fornecedor de armamento ao Chile são os Estados Unidos e, mais recentemente, os países europeus. Na presidência Carter a exportação de armamentos sofisticados para a América Latina foi embargada. Esse embargo foi mantido nos governos republicanos seguintes. Contudo, o programa chileno de modernização fez com que essa política fosse revista no governo Clinton. Em 1997 o embargo foi levantado visando à competição das indústrias norte-americanas na compra de novos caças para a força aérea chilena. (MARES & ARAVENA, 2001:95)

As compras de material europeu estão relacionadas ao contexto do pós-Guerra Fria, no qual muitos dos países europeus reestruturaram suas forças armadas dada a diminuição da ameaça russa. Nesse contexto podemos enquadrar a

---

<sup>25</sup> El sistema de adquisiciones tiene como componente principal a la Ley Reservada del Cobre. Esta ley data de la década de 1940 y está diseñada para llevar a cabo el proceso de financiamiento, distribución de los recursos, aprobación y adquisición del material bélico propuesto por las Fuerzas Armadas. Estos recursos sólo pueden usarse para adquirir sistemas de armas e pertrechos.

renovação total da frota de superfície da marinha chilena e a modernização das unidades blindadas do exército, assuntos que abordaremos a seguir.

O Chile está acostumado a tensões fronteiriças periódicas e sistemáticas com seus vizinhos Bolívia e Peru desde a Guerra do Pacífico (1879-1884). A Bolívia reclama uma saída para o mar, enquanto o Peru questiona na Corte Internacional de Justiça as fronteiras marítimas entre os dois países.

Essas tensões justificam a manutenção de uma força moderna e bem equipada e, como aponta HIGUERA (2008b:1): *"Ainda que o Chile não encare nenhum dos seus vizinhos como uma ameaça, as tensões são altas o bastante para justificar uma política de modernização militar forte e sistemática"* (tradução do autor).<sup>26</sup> A disposição dos equipamentos mostra claramente a preocupação chilena com a fronteira norte. Das cinco "Nuevas Brigadas Acorazadas" (NBA), três estão localizadas nessa faixa territorial – cerca de 500 quilômetros-: Arica, Iquique e Antofagasta. Essas três brigadas são também as que dispõem do armamento mais moderno, os tanques Leopard 2A4. Além disso, os F-16 Peace Puma, as aeronaves mais modernas em serviço na força, estão baseados em Iquique.

**Figura 2**



Fonte: EL MERCURIO (2008b).

No seu relatório anual de 2008, o SIPRI afirma que a América do Sul está passando por uma substituição de equipamentos defasados e não por um aumento de capacidades (*build-up*). Contraditoriamente, ao analisar o caso chileno, a publicação afirma que:

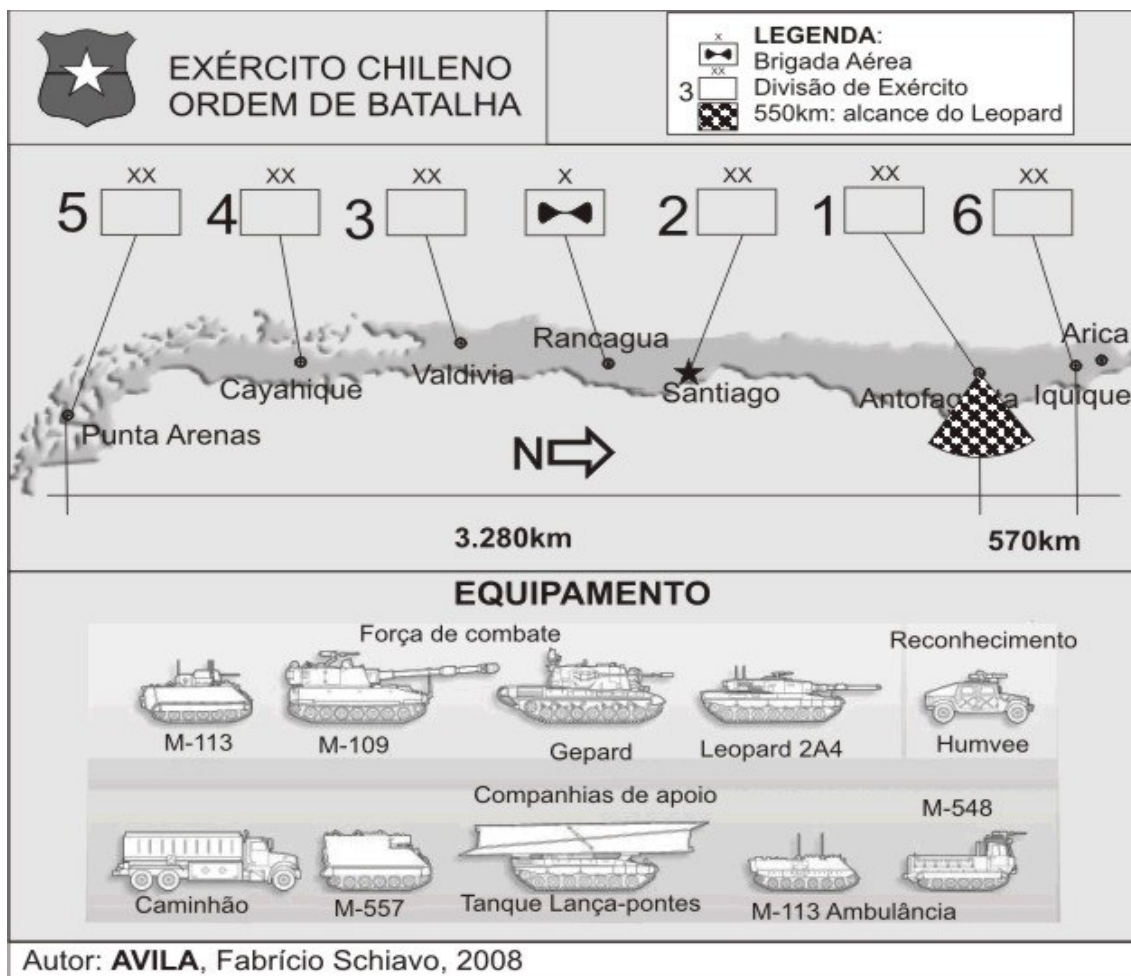
(...) a compra de caças F-16, submarinos Scorpène e tanques Leopard-2 indica uma **significativa melhora qualitativa, particularmente em comparação com as outras forças armadas da região**. O Chile pode tornar-se o primeiro país da América do Sul a possuir forças armadas “padrão OTAN.”<sup>27</sup> (SIPRI, 2008:305 tradução e grifo do autor)

### Figura 3

---

<sup>26</sup> “While Chile does not regard any of its neighbors as a threat, tensions are deemed high enough to justify a strong and systematic policy of military modernization”

<sup>27</sup> “(...) the purchases of F-16 aircraft, Scorpène submarines and Leopard-2 tanks indicate a significant qualitative advance, particularly in comparison with the armed forces of other countries in the region. Chile may become the first country in South America to possess ‘NATO-standard’ military forces”.



Principais Aquisições	1998-2008			
Designação	Tipo de Equipamento	Qt.	Origem	Entrega
L-Class	Fragata de Defesa Aérea	2	Holanda	2005-07
M-Class	Fragata Multi-propósito	2	Holanda	2005-07
Almirante Williams	Fragata Multi-propósito	1	Reino Unido	2003
Type 23	Fragata Multi-propósito	3	Reino Unido	2006
Bell 412EP	Helicóptero Utilitário	4	EUA	
AS550 Ecureuil	Helicóptero Utilitário	6	França	2002-03
UH-1H	Helicóptero Utilitário	10	EUA	2003
F-16C/D	Caça Multi-propósito	10	EUA	2004-07
F-16AM	Caça Multi-propósito	11	Holanda	2006
F-16BM	Caça Multi-propósito	7	Holanda	2006
YPR-765	IFV	139	Bélgica	2007
SM39 Exocet	Míssil Anti-navio	12	França	2007
Sea Wolf Block 2	Míssil Antiaéreo	-	Reino Unido	2007
Leopard 2A4	Main Battle Tank	134	Alemanha	2007
SA-365N Dauphin 2	Helicóptero de Resgate	3	França	2006

SPIKE	Míssil de ataque ao solo	-	Israel	2006
RGM-84L Harpoon	Míssil Anti-navio	20	EUA	2007
Bell 412	Helicóptero Utilitário	4	EUA	2001-02
A-310	Avião-tanque	2	França	
O-2 Super Skymaster	Avião de Vigilância	20	EUA	1999
M-113	APC	200	EUA	1998-2001
Leopard IA	Main Battle Tank	290	Alemanha	1996-2001
UH-60 Blackhawk	Helicóptero Utilitário	1	EUA	1998
Scorpène	Submarino	2	França	2003
HMMVV	APC	200	EUA	2006/
Marder 1 A3	IFV	120	Alemanha	
Gepard	Blindado Antiaéreo	20	Alemanha	
C-295MPA	Avião de Patrulha Marítima	7	Espanha	2008
<b>Planos de Aquisição</b>				
<b>Designação</b>	<b>Tipo de Equipamento</b>	<b>Qt.</b>	<b>Origem</b>	
Mil Mi-17	Helicóptero Utilitário	30	Rússia	
Eurocopter Super Puma	Helicóptero Utilitário	7	França	
Mowag Piranha	APC	400-500	Canadá	

Autor: DULLIUS, 2008. Fontes: JANES, 2008c e IISS, 2008



### **2.2.1. Exército**

Em 1992, iniciou-se o Plano Alcázar de modernização. Esse programa visa a mudar a estrutura do exército, reorganizando e racionalizando a força em unidades menores e mais poderosas, altamente treinadas e com modernos equipamentos. A materialização dessa doutrina são as cinco novas brigadas blindadas (Nuevas Brigadas Acorazadas, NBA), ilustradas na Figura 3.

#### **2.2.1.1. Tanques**

Os 134 tanques Leopard 2A4 adquiridos junto à Alemanha são o cerne das NBA's. Esse equipamento colocou o exército chileno em um patamar acima das outras forças blindadas do continente por ser o único de última geração em serviço.<sup>28</sup>

O Leopard 2 é o sucessor do Leopard 1, incorporando características dos tanques de última geração como o canhão de 120 mm, um sistema de tiro que permite uma alta precisão de primeiro disparo mesmo em movimento, capacidade de operação noturna e blindagem reativa, muito superior à dos outros tanques em serviço. (GLOBAL SECURITY, 2008b). Para se ter idéia da capacidade adquirida com a incorporação do Leopard 2, o exército Chile é atualmente capaz de destruir os blindados peruanos a uma distância de 4 km. Os Leopard 2 vão operar nas três brigadas da fronteira norte, enquanto os Leopard 1 vão operar nas brigadas localizadas na fronteira com a Argentina. (EL MERCURIO, 2008). Ao invés de modernizar os Leopard 1 o governo chileno sinaliza com a substituição por mais Leopard 2 de segunda mão. (HIGUERA, 2008b:6).

Os 134 Leopard 2A4 somados aos 290 Leopard 1 adquiridos entre 1997 e 2001 tornam o Chile a força de tanques mais poderosa do continente. Além dos Leopard 2A4 não possuírem rival de capacidade similar na América do Sul podemos considerar os Leopard 1 chilenos como o segundo melhor equipamento em serviço.

Para a função de reconhecimento foram adquiridos 200 Humvee, alguns com mísseis antitanque TOW. (JANES, 2008a). Outra importante aquisição para as

---

<sup>28</sup> São considerados, entre outros, como de última geração o Merkava israelense, o Leclerc francês, o T-90 russo, o M1 Abrahams norte-americano e o Scorpion do Reino Unido.

forças blindadas foram as 139 unidades do IFV modelo YPR-765 de origem belga, inclusive em versões com mísseis antitanque. Além disso, 120 APC's Marder A3 foram comprados para equipar as NBA's, uma vez que esse equipamento possui capacidade de operar em conjunto com os Leopard 2A4, pois tem velocidade e autonomia semelhantes. Foram também adquiridos 20 blindados antiaéreos Gepard, que utiliza a mesma plataforma do Leopard e aumenta a polivalência e a capacidade de sobrevivência das brigadas. (HIGUERA, 2008b). Somente a utilização de equipamento moderno em grandes quantidades por si só já destaca as NBA e coloca o Chile em um padrão de equipamento similar aos países da OTAN. Essa superioridade técnica é ainda potencializada pela estandardização do equipamento. O fato do Leopard, Gepard e Marder serem da mesma família de blindados possibilita vantagens logísticas graças à componentes comuns, treinamento comum às tripulações e, em combate, capacidades de mobilidade e de autonomia semelhantes.

## **2.2.2. Marinha**

### **2.2.2.1. Embarcações de Superfície**

A possibilidade de compra de modernas fragatas como as três Type 23 adquiridas da Royal Navy são fruto de uma reestruturação das forças armadas de muitos países europeus no pós-guerra fria. Essas embarcações são fruto da experiência britânica no conflito das Malvinas, sendo a primeira comissionada na Royal Navy em 1989. São sem dúvida as embarcações mais modernas da América do Sul.

Ao todo a marinha chilena adquiriu oito fragatas modernas para substituir toda a sua frota, a saber: uma fragata multi-emprego Type 22 ex-Royal Navy, duas fragatas de defesa-aérea Classe L e duas fragatas multi-emprego Classe M ex-Royal Netherlands Navy e as três Type 23 já mencionadas. As oito já estão em serviço e oferecem uma capacidade muito melhorada em comparação aos navios que substituíram, que tinham em média 40 anos de serviço. (JANES, 2008a). A autonomia média da nova frota é de 7.000 milhas náuticas, quase o dobro dos antigos navios, 4.000 milhas náuticas. (HIGUERA, 2008b). A capacidade dos novos

armamentos embarcados também é muito superior, assim como os radares e sonares.

#### **2.2.2.2. Submarinos**

Os submarinos mais modernos em serviço no continente são as duas unidades da Classe Scorpène da Marinha do Chile. Podem manter-se submersos por um período três vezes superior aos outros modelos e, com isso, não se limitam a patrulhas costeiras. Essa capacidade de ação regional possibilita um uso ofensivo. Além disso, os Scorpène possuem um sistema de armamento muito avançado e mais de duas décadas de avanços tecnológicos em comparação aos Type 209 e aos TR-1700. São equipados com torpedos e mísseis antinavio Exocet. Prevê-se a compra de mais duas unidades para substituir os dois Type-209 ainda em serviço. (JANES, 2008a).

#### **2.2.3. Força Aérea**

A mais importante aquisição da Força Aérea Chile nos últimos anos foi a das aeronaves de fabricação norte-americana F-16 Fighting Falcon. Ao todo foram comprados 28 caças F-16, 10 novos Block 52 “Peace Puma” e 18 padrão MLU de segunda-mão totalmente modernizados proveniente da Holanda. Esses caças foram recebidos entre 2005 e 2007 e substituíram todas as variantes de Mirage em serviço. Os F-16 chilenos estão equipados com modernos armamentos de origem norte-americana e israelense, inclusive mísseis ar-ar de médio alcance e bombas guiadas a laser. Estão baseados na fronteira norte, nas bases de Antofagasta e Iquique. São, ao lado dos Su-30 venezuelanos, as mais modernas aeronaves do continente. A compra de mais 12 unidades está em análise.

O Chile recentemente encomendou 12 aeronaves de treinamento/ataque leve Super Tucano da Embraer. O Sucesso colombiano no emprego dessa aeronave em contra-insurgência fez com que o Chile seja o maior novo operador do avião no continente.

Tendo em mente a análise deste capítulo, podemos chegar a algumas conclusões preliminares. Utilizando a divisão das motivações de KRAUSE (1995) podemos perceber um grande uso interno das aquisições venezuelanas na forma de

propaganda política. Esse uso de propaganda não é apenas interno, mas também uma projeção de *status* do bolivarianismo na região. Quanto ao Chile, as aquisições nos levam a concluir que se trata de uma motivação regional. A qualidade e a quantidade do material comissionado garantem não só uma dissuasão efetiva, mas também uma capacidade de projeção de força tanto na fronteira norte como na fronteira sul. É interessante que mesmo com os litígios fronteiriços na Patagônia resolvidos e com uma crescente cooperação militar com a Argentina, o extremo sul chileno receberá duas das cinco NBA's.<sup>29</sup>

A análise da capacidade dos armamentos adquiridos por Venezuela e Chile mostra, tanto em comparação aos equipamentos em uso nas respectivas forças como em comparação à capacidade militar instalada no continente que a justificativa de substituição por material obsoleto não é consistente. Isso não significa que o continente esteja em um processo de corrida armamentista, mas sim que se deve analisar o potencial impacto futuro da dinâmica de *build-up* militar existente nos dois países na integração regional, assim como as reações que está despertando, o que faremos no Capítulo III. Para o que se fará uso das categorias de T.V. Paul de balanceamento leve e balanceamento pesado.

---

<sup>29</sup> A única questão territorial ainda não resolvida entre Chile e Argentina se relaciona aos "Campos de Hielo".

### Capítulo III - Análise do Impacto dos Gastos no Continente

O aumento das capacidades propiciado pelo gasto militar analisado no Capítulo II já pode ter algumas reações observadas no continente. No Capítulo II, foi demonstrada a dificuldade de inferir intenções a partir dos gastos e de apontar uma “corrida armamentista”. Uma tentativa muito interessante no sentido de avaliar as intenções é o trabalho de RUNZA (2008). Analisando os gastos dos países sul-americanos na década 1996-2006, o autor concluiu que os processos de aquisição de armamentos desses países não estão de acordo com a formação de uma comunidade de segurança<sup>30</sup>, mas que respondem à manutenção do tradicional dilema de segurança entre alguns desses países.

Dada essa dificuldade, nesse capítulo analisamos as aquisições por um viés sugerido pelo Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI, 2008:305):

O modelo de corrida armamentista clássico (...) é desenhado para situações em que séries de dados de 20 a 30 anos estão disponíveis. Para situações que estão se desenvolvendo enquanto a análise é feita, **a única maneira possível é analisar as motivações por trás de aquisições de armamentos específicas e buscar evidência de comportamento competitivo.**<sup>31</sup>(tradução e grifo do autor)

Os casos mais claros de comportamento competitivo são as reações aos gastos chilenos, as quais despertaram preocupação nos vizinhos e planos de reequipamento.

O crescente aumento de poderio chileno e o simultâneo enfraquecimento das forças armadas argentinas poderia ter levado a um acirramento do dilema de

---

<sup>30</sup> Um espaço que permite a segurança real de que os membros da comunidade irão solucionar suas disputas sem ameaça ou uso da força. Para mais detalhes sobre a América do Sul como comunidade de segurança ver: Hurrell (1998:228-264).

<sup>31</sup> The classic arms race model (...) is designed for situations in which 20–30 years of time series data are available. For situations that are developing as the analysis is undertaken, the only approach is to analyze the motivations behind specific arms acquisitions and look for evidence of competitive behaviour.

segurança. Contudo, no caso específicos desses dois países, que ocorreu foi um aprofundamento da cooperação militar. Em 2005 foi criada uma força de manutenção de paz binacional (*Cruz del Sur*) e em 2007 um quartel-general foi estabelecido em Buenos Aires. (HIGUERA, 2008b).

Sem acordos de cooperação militar com o Chile, a exemplo da Argentina, e com problemas de fronteira ainda não resolvidos, o Peru optou por se reequipar.

Diferentemente do caso argentino (...), o Peru do último mandato do presidente *Toledo* e do “segundo *Alan García*” parece conservar certos reflexos mais ligados a tendência sistêmica das relações internacionais de buscar equilíbrios de poder.<sup>32</sup> (CALLE, 2008:1, tradução do autor.)

Em 2004, o ex-presidente Alejandro Toledo anunciou um plano de modernização financiado por uma porcentagem dos royalties do gás exportado, um modelo semelhante à Lei Reservado do Cobre no Chile. Em 2007, foi anunciando um plano plurianual de modernização denominado “Núcleo Básico Eficaz”.

Verdadeiro núcleo da política dissuasiva peruana que, entre 2007 e 2011, procura reforçar alguns setores básicos como 1) a modernização dos aviões Mirage 2000 e Mig-29; 2) a compra de mísseis antitanque de última geração russos, com capacidade para neutralizar tanques como o Leopard II; 3) a melhoria do sistema de Comando e Controle e a radarização do país; 4) potencializar a capacidade de deslocamento de forças especiais e de emprego rápido; 5) a modernização dos mísseis mar-mar da frota e de seus helicópteros.<sup>33</sup> (CALLE 2008:1-2, tradução do autor).

---

<sup>32</sup> A diferencia del caso argentino(...) el Peru del último tramo del presidente Toledo y del “segundo Alan García”, parece conservar ciertos reflejos más ligados a la tendencia sistémica de propia de las relaciones internacionales de buscar equilíbrios de poder.

<sup>33</sup> Verdadero núcleo de la política disuasiva peruana que, entre El 2007 y el 2011, busca reforzar algunos sectores básicos tales como: 1) la modernización de los aviones Mirage 2000 y Mig-29; 2) la compra de misiles antitanque de última generación de origen ruso y en capacidad de neutralizar tanques como el Leopard II; 3) la mejora del sistema de Comando y

Os recursos do “Fondo de Defensa Nacional” são modestos, ainda mais se comparados aos similares provenientes do cobre chileno. Porém, já em 2008 deve corresponder a US\$ 115 milhões. O Peru tem buscado aplicar sua escassa verba em armamentos que apontam claramente a uma reação ao Chile, como mísseis antitanque.

A debilidade econômica estatal boliviana não permite um reequipamento que faça frente nem mesmo de forma dissuasória ao Chile. A saída encontrada por La Paz são os acordos militares com a Venezuela, que incluem a construção de bases militares e até mesmo possibilitem a intervenção militar em caso de conflito civil ou invasão estrangeira. A Bolívia tem sido um dos mais íntimos aliados da Venezuela e, esses acordos são uma forma de consolidar o apoio de Chávez ao governo Evo Morales. Dessa forma torna-se difícil avaliar até que ponto a intenção boliviana é fazer frente ao aumento de capacidades chileno ou se para a Bolívia a aliança é motivada pela grande crise interna e pela necessidade de apoio externo ao governo Morales. Esses acordos geraram enorme repercussão nos países vizinhos e insatisfação nas forças armadas bolivianas devido à possibilidade de ingerência concedida à Caracas.<sup>34</sup>

É interessante notar que a Bolívia é o país no qual se apresenta um antagonismo político entre os dois países que são o foco de nosso trabalho. O presidente Chávez inclusive já manifestou seu desejo em “banhar-se em uma praia boliviana”, em apoio às reivindicações territoriais de La Paz. Como aponta o trabalho de SEBBEN (2007):

(o conflito boliviano) uniu em uma mesma hipótese de guerra distintos teatros de operações do continente: o da Amazônia e dos Andes. (...) Separa, ao mesmo tempo, a América hispânica em dois campos ideológicos nitidamente delimitados, o liberal e o bolivariano. Por isso, é que a crise

---

Control y radarización del país; 4) Potenciar la capacidad de desplazamiento de fuerzas especiales y de despliegue rápido; 5) la modernización de los misiles mar-mar de la flota y sus helicópteros.

<sup>34</sup> Para mais detalhes sobre as reações dos países vizinhos e sobre o teor dos acordos, ver: EMOL (2008) e MALAMUD & ENCINA (2007).

no sul da Bolívia tem um considerável potencial desestabilizador também sobre o Equador e o Peru.

A análise de SEBBEN (2007) também aponta uma reação das forças armadas chilenas na forma de apoio ao separatismo boliviano nos moldes do padrão apontado por Steven David:

(...) dadas as limitadas capacidades convencionais da maioria dos países do Terceiro Mundo, ameaças internas podem possibilitar melhores oportunidades para atores externos influenciarem as políticas de seus vizinhos instáveis do que a violência. (DAVID, 1991 apud PAUL, WIRTZ & FORTMANN, 2004, tradução do autor).<sup>35</sup>

Quanto aos gastos venezuelanos poderia se afirmar que os recentes planos de modernização e de compras anunciados pelo Ministério da Defesa brasileiro seriam a eles uma resposta, numa clara reação justificada pela disputa entre Brasil e Venezuela na política da América do Sul.

As compras brasileiras parecem estar situadas em um contexto de desenvolvimento da indústria bélica nacional, e de desenvolvimento nacional como um todo, via transferência de tecnologia. Enquanto a Venezuela negocia com a Rússia a transferência de uma fábrica de armas leves (que não representa nada em termos tecnológicos, nem militar nem civil), o Brasil negocia com a França uma cooperação militar que envolve a construção um submarino de propulsão nuclear e a substituição dos caças condicionada à transferência de tecnologia. São dois casos de transferência de tecnologia de uso dual, com um imenso potencial de uso civil da tecnologia nuclear para a produção de energia e de tecnologia aeronáutica para a Embraer.

Segundo VILLA (2007b:7), o intenso ativismo do governo Chávez não é um fenômeno recente, mas sim uma constante na política externa Venezuela para a América Latina.

---

<sup>35</sup> Given the limited conventional capabilities of most Third World states, internal threats can provide better opportunities for outside actors to wield inexpensive and effective influence over the policies of their unstable neighbors than outright aggression.



Os governos Chávez têm dado continuidade a essa tradição de um país que, sem ter sólidos recursos de política externa, tem almejado, desde o início de seu período democrático, um papel de ator regional principal, que não corresponde nem a seus recursos de poder, como o tamanho de seu território e de sua população, nem com o tamanho de seus problemas sociais internos. (VILLA 2007b:7-8)

Apesar dos planos e da retórica de Chávez, os recursos brasileiros para ambicionar o papel de líder regional não podem comparados. Além disso, o projeto chavista tem como fragilidade fiscal a dependência do petróleo a altos preços. A quantidade de encomendas feitas com o petróleo a \$150 o barril dificilmente poderá ser mantida com a contínua queda do preço da commodity.<sup>36</sup> Esse é um dos motivos do arrefecimento da relação Moscou-Caracas, que, entretanto, voltou a estreitar após a crise na Geórgia. A interferência estadunidense numa região considerada pela Rússia como de sua influência incentivou uma resposta simétrica, no caso a presença russa na América do Sul. Essa resposta culminou no pouso de bombardeios estratégicos russo na Venezuela e na visita programada de navios da frota russa para exercícios no Mar do Caribe.

João Fábio Bertonha afirma que “(...) *a simples pretensão ou projeto venezuelano de construir a maior máquina militar sul-americana em 2020, apesar de ser, como visto, mero exercício teórico, deveria ser uma preocupação para Brasília.*” (BERTONHA, 2007:3). Essa análise está correta, mas não podemos, no entanto, desconsiderar a imensa superioridade instalada brasileira, além das diferenças econômicas, territoriais e demográficas. Quanto às capacidades bélicas, é interessante a análise de DAY (2008): “*Entretanto, mesmo com esse novo equipamento, as forças armadas venezuelanas permanecem quantitativa e qualitativamente atrás das brasileiras, colombianas, chilenas e, potencialmente, argentinas.*”<sup>37</sup> Por isso, o reequipamento brasileiro pode ser relacionado às suas ambições de potência regional dominante em um sistema internacional que se

---

<sup>36</sup> O petróleo corresponde por 75% das exportações e por 40% do orçamento federal da Venezuela.

<sup>37</sup> However, even with this new equipment, Venezuela's military remains quantitatively and qualitatively below those of Brazil, Colombia, Chile and potentially Argentina.

apresenta com um caráter cada vez mais multipolar. Dessa forma, é necessário que o país mantenha uma capacidade de dissuasão frente às outras forças armadas da região. Nesse sentido, DAY (2008) aponta que

O Brasil precisa de armamentos mais modernos para manter sua liderança regional, para aumentar sua presença internacional através da participação em missões de paz da ONU como no Haiti e para proteger suas recém descobertas reservas de petróleo e suas extensas fronteiras, particularmente na região amazônica. (...) <sup>38</sup>

Ainda não existem muitos detalhes divulgados, mas especula-se que o Plano Estratégico de Defesa (PED) veja-se obrigado a recomendar um aumento de cerca de 50% os gastos militares brasileiros, grande parte em reequipamento. Além do PED, podemos considerar o Decreto Nº 6.592 de outubro de 2008 como outra prova de uma nova postura brasileira. Esse decreto regulamenta o disposto na Lei nº 11.631, de 27 de dezembro de 2007, que dispõe sobre a Mobilização Nacional e cria o Sistema Nacional de Mobilização - SINAMOB. O trecho mais relevante da nova legislação é o Capítulo I Artigo 3:

“São parâmetros para a qualificação da expressão agressão estrangeira, dentre outros, ameaças ou atos lesivos à soberania nacional, à integridade territorial, ao povo brasileiro ou às instituições nacionais, **ainda que não signifiquem invasão ao território nacional.**” (grifo do autor)

Além do Brasil, outro país diretamente envolvido com a Venezuela em questões de segurança e um inimigo político de Chávez é a Colômbia de Uribe. A Colômbia ainda não demonstra uma grande reação às compras venezuelanas, dentre as aquisições já efetuadas por Caracas, apenas os caças Sukhoi geraram mais preocupação em Bogotá devido à baixa capacidade de defesa aérea das forças colombianas. Nos demais países do continente a política de compra de armamento Chávez repercute tanto, apenas quando este influencia Bolívia e Equador, seus aliados regionais. Nesse sentido DAY (2008) aponta que “*outros*

---

<sup>38</sup> Brazil requires a more modern military to maintain its regional leadership, increase its international presence by taking part in UN peacekeeping forces such as in Haiti and protect its newly discovered offshore oil reserves and extensive borders, particularly in the Amazon region (...).

*países na região estão ignorando os esforços de Chávez de politizar a questão das encomendas de armas.”*<sup>39</sup>

Após a análise, no Capítulo 2, do aumento das capacidades gerado pelo reequipamento de Chile e Venezuela, e, no presente capítulo, de algumas das reações que estão sendo causadas pelo reequipamento dos países que são o foco desse trabalho, o conceito de “balanceamento leve” (*soft balancing*) cunhado por PAUL (2004:3) em oposição ao conceito de “balanceamento pesado” (*hard balancing*), do mesmo autor, parece o ideal para descrever a situação presente na América do Sul.

O “balanceamento pesado” é para o autor a estratégia comum aos Estados engajados em uma intensa rivalidade interestatal. Nessa situação, os Estados adotam estratégias para aumentar e modernizar suas capacidades militares, assim como criar e manter alianças e contra-alianças que visam a manter a paridade com os oponentes-chave. O “balanceamento leve” envolve um balanceamento tácito, que ocorre quando os Estados desenvolvem ententes ou compromissos de segurança limitados com outros Estados para balancear um potencial oponente ou uma potência em ascensão. É geralmente baseado em um build-up limitado, mas pode converter-se em um balanceamento pesado e aberto, se e quando a rivalidade política for acirrada.

---

<sup>39</sup> Other countries in the region are ignoring Chávez' efforts to politicise the issue of arms procurement.

## Considerações Finais

Ainda que na América do Sul não possam ser observados dois ou mais pólos engajados em um balanceamento pesado nem uma corrida armamentista em curso, é inegável que o reequipamento chileno e venezuelano traz conseqüências políticas para o continente, principalmente entre os vizinhos como no exemplo Chile-Peru-Bolívia(Venezuela). Outra característica do balanceamento leve, os compromissos de segurança, pode ser observada em Julho de 2008, quando Brasil Peru e Colômbia assinaram uma série de acordos de cooperação em defesa, segundo DAY (2008) *“indicando o potencial sul-americano de divisão em dois blocos políticos competidores, com alianças militares reforçando essa divisão política.”*<sup>40</sup>

A resposta brasileira ao armamentismo na região está sendo predominantemente política, via integração, sem deixar de estar atenta aos aspectos propriamente militares. Uma demonstração dessa estratégia é a insistência do governo brasileiro em um Conselho de Defesa no âmbito da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL). Soma-se às iniciativas no âmbito da UNASUL o Decreto N° 6.592, que parece ser a expressão do reconhecimento pelo governo brasileiro das tarefas militares da integração, reconhecendo um componente além fronteiras da soberania nacional.

O projeto político brasileiro nada tem a ganhar com um acirramento das rivalidades, com divisões políticas no continente e com uma eventual transição de balanceamento leve para pesado. O aparente sucesso da UNASUL na mediação do conflito interno boliviano aponta para um novo e eficiente fórum político para a solução dos conflitos continentais. Consolida-se o projeto de integração brasileiro, evitando a polarização do continente em torno do projeto bolivariano (ALBA) ou do projeto liberal (ALCA). Como aponta CEPIK (2008:13):

*“É hora de o Brasil encarar, juntamente com os demais países da Unasul, de forma muito mais clara, ampla e explícita, todos os contornos do horizonte normativo de constituição de um Estado multinacional capaz de prover segurança e bem-estar para toda a população da região. Um Estado de corte institucional republicano, federativo e*

---

<sup>40</sup> Indicating the potential for South America to split into two competing political blocs, with military alliances reinforcing this political divide.

*democrático, socialmente inclusivo e culturalmente plural para América do Sul*’.

Na América do Sul as forças armadas historicamente estiveram ligadas a um papel de contra-insurgência e retificação de fronteiras. As compras venezuelanas parecem ter uma forte motivação de propaganda, tanto interna como de promoção da proposta bolivariana de integração, em uma demonstração de força regional e inter-regional do modelo.

Neste trabalho foi possível demonstrar o destacado papel militar na integração sul-americana, uma agenda de pesquisa que merece atenção. É necessário estudar em que medida os planos brasileiros de reequipamento estão ligados ao projeto de integração capitaneado pelo Brasil, assim como estudar o impacto da nova doutrina de segurança que se desenha com o Decreto Nº 6.592.

A comprovação da crescente superioridade das capacidades chilenas também traz novas questões a serem estudadas, torna-se necessário um estudo do impacto da alteração da correlação de forças do Chile com seus vizinhos. O aumento das capacidades chilenas observado nos últimos anos deve se intensificar. Ainda que a *Ley Reservada del Cobre* seja revogada e nenhum outro mecanismo de financiamento seja criado, os recursos estão garantidos no mínimo até o final do governo Bachelet em 2010.

De todo modo, para que se afastem da região o risco do balanceamento pesado ou ainda, o espectro da corrida armamentista, é preciso manter o equilíbrio regional. Para isso é fundamental que Brasil e Argentina, que desde o PICE(1985) e o PICAB(1986)<sup>41</sup> são os fiadores da integração, inicialmente através do Mercosul e hoje através da Unasul, mantenham capacidades militares compatíveis com a demanda de afiançar também a segurança do processo de integração. Reconhecer as tarefas militares do processo de integração é o único caminho para manter a solução pacífica de controvérsias e assegurar a cidadania e a soberania dos Estados membros através da integração.

---

<sup>41</sup>

## Referências

- ALSINA, João Paulo Soares. Corrida armamentista na América do Sul: falácia conceitual e irritante político. *Meridiano* 47, n. 73, 2006.
- BARLETTA, Michael & TRINKUNAS, Harold. Regime Type and Regional Security in Latin America: Toward a “Balance of identity” Theory. In.: PAUL, T.V.; WIRTZ, James & FORTMANN, Michel. (Orgs.) *Balance of Power: Theory and Practice in the 21st Century*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- BUZAN, Barry & HERRING, Eric. *The Arms Dynamic in World Politics*. Londres: Lynne Rienner Publishers, 1998.
- BERTONHA, João Fábio. Uma Corrida Armamentista na América Do Sul? *Meridiano* 47, n. 73, 2006.
- BUZAN, Barry & WÆVER, Ole. *Regions and Powers: the Structure of International Security*. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2003.
- CALLE, Fabián. *El caso de Perú y del fondo del gas para la Defensa*. Disponível em: [www.nuevamayoria.com](http://www.nuevamayoria.com). Acesso em: 22/06/2008.
- CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA. Antecipos del balance militar, 2008. Disponível em: [www.nuevamayoria.org](http://www.nuevamayoria.org). Acesso em: 15/09/2008.
- CENTRO DE ESTUDIOS NUEVA MAYORIA. *Balance militar*, 2004. Disponível em: [www.nuevamayoria.org](http://www.nuevamayoria.org). Acesso em: 15/09/2008.
- CEPAL. Disponível em: [http://www.eclac.org/prensa/noticias/comunicados/3/33883/tablaPIB\\_EE2007-2008.pdf](http://www.eclac.org/prensa/noticias/comunicados/3/33883/tablaPIB_EE2007-2008.pdf) Acesso em: 27/08/2008.
- CEPIK, Marco (Org.) & RAMIREZ, Socorro (Org.) . *Agenda de Seguridad Andino-Brasilena: primeras aproximaciones*. 1. ed. Bogota: IEPRI-FESCOL, 2005.
- CEPIK, Marco. A Crise Andina e o Futuro da Unasul. *Análise de Conjuntura*, n. 4. Observatório Político Sul-Americano. Disponível em: [http://observatorio.iuperj.br/pdfs/45\\_analises\\_AC\\_n\\_4\\_abr\\_2008.pdf](http://observatorio.iuperj.br/pdfs/45_analises_AC_n_4_abr_2008.pdf) Acesso em: 03/09/2008.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- CHILE. Libro Blanco de la Defensa. Santiago del Chile, 2002.
- DAY, Michael. Loaded guns: The build up of armaments in Latin America. *Jane's Intelligence Review*. JANE's Information Group. 2008. Disponível em: [www.janes.com](http://www.janes.com). Acesso em: 23/10/2008.
- DEFESANET. Projeto F-X2: Em vez de comprar, FAB vai construir caça. Edição de 18/05. 2008a. Disponível em: [http://www.defesanet.com.br/tx2/oesp\\_18mai08.htm](http://www.defesanet.com.br/tx2/oesp_18mai08.htm) Acesso em: 13/10/2008.
- DEFESANET. *Chile pretende destinar 3 mmd (U\$ 3 Bi) a la compra de armas*. 2008b. Disponível em: [http://www.defesanet.com.br/zz/al\\_ch\\_arms.htm](http://www.defesanet.com.br/zz/al_ch_arms.htm). Acesso em: 14/08/2008.
- DUNNIGAN, James F. *How to make war: a comprehensive guide to modern warfare in the twenty-first century*. Nova York: HarperCollins Publishers, 2003.

- DUNNIGAN, James F. *Russia Cuts Back on Fifth Generation*. Disponível em: <http://www.strategypage.com/htmw/htairfo/articles/20060929.aspx> Acesso em 30/09/2006
- ECONOMIST, The. *Speak fraternally but carry a stick*. Edição de 29/05. Disponível em: [www.economist.com](http://www.economist.com). Acesso em: 30/05/2008.
- EL MERCURIO. *La alianza military Chávez-Evo que complica a Chile*. Edição de 08/10. Santiago, 2008a.
- EL MERCURIO. Especiales. 2008b. Disponível em: <http://www.emol.com/especiales/infografias/unidadesdecombate/index.htm> Acesso em: 23/08/2008.
- Federation of American Scientists (FAS). BMP-3 Fighting Vehicle. *Military Analysis Work*. 2008a. Disponível em: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/row/bmp-3.htm> Acesso em: 14/10/2008.
- Federation of American Scientists (FAS). Mi-24 HIND, Mi-25 HIND D, Mi-35 HIND E. *Military Analysis Work*. 2008b. Disponível em: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/ac/row/mi-24.htm> Acesso em: 12/10/2008.
- Federation of American Scientists (FAS). Mi-28 HAVOC. *Military Analysis Work*. Disponível em: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/ac/row/mi-28.htm>. Acesso em: 10/10/2008.
- GLOBAL DEFENCE. Disponível em: [www.globaldefence.org](http://www.globaldefence.org). Acesso em: 22/08/2008.
- GLOBAL SECURITY. Military: Su-30 (Su-27P). Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/Russia/su-30.htm> Acesso em: 23/08/2008.
- GLOBAL SECURITY. Military: Battle Tank Leopard 2. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/europe/leopard2.htm> Acesso em: 20/09/2008.
- GRIMMET, Richard F. *Conventional Arms Transfers to Developing Nations: 1999-2006*. Congressional Research Service Report for Congress. Disponível em: [http://assets.opencrs.com/rpts/RL34187\\_20070926.pdf](http://assets.opencrs.com/rpts/RL34187_20070926.pdf) Acesso em: 03/11/2008.
- HIGUERA, Jose. Financing delays: Venezuelan modernisation plans. *Defence Weekly*. JANE's Information Group: 2008a. Disponível em : [www.janes.com](http://www.janes.com). Acesso em: 12/08/2008.
- HIGUERA, Jose. Turning up the heat: Chile Country Briefing. *Country Briefing*. JANE's Information Group: 2008b. Disponível em: [www.janes.com](http://www.janes.com). Acesso em: 15/09/2008.
- HURREL, Andrew. An emerging security community in South America? In.: ADLER, Emmanuel & BARNETT, Michael. *Security Communities*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2003.
- INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2004.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2005.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2006.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2007.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). *The Military Balance*. Londres: Routledge, 2008.

JOBIM, Néelson. *A Defesa na Agenda Nacional: O Plano Estratégico de Defesa*. Disponível em: [https://www.defesa.gov.br/mostra\\_materia.php?ID\\_MATERIA=32371](https://www.defesa.gov.br/mostra_materia.php?ID_MATERIA=32371)  
Acesso em: 01/10/2008.

KRAUSE, Keith. *Arms and the State: Patterns of military Production and Trade*. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 1995.

JANE's. *Country profile: Chile*. Londres: Jane's Information Group, 2008a.

JANE's. *Country profile: Paraguay*. Londres: Jane's Information Group, 2008b.

JANE's. *Country profile: Venezuela*. Londres: Jane's Information Group, 2008c.

LITTLE, Richard. *The Balance of Power in International Relations: Metaphors, Myths and Models*. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2007.

MALAMUD, Carlos & ENCINA, Carlota. *Rearmament or renovation of military equipment in Latin America*. Working paper, 2007. Disponível em: [www.realinstitutoelcano.org](http://www.realinstitutoelcano.org). Acesso em: 14/10/2008.

MARES, David. & ARAVENA, Francisco Rojas. *The United States and Chile: coming in from the cold*. Nova York: Routledge, 2001.

MARES, David. *Violent Peace: militarized interstate bargaining in Latin America*. Nova York: Columbia University Press, 2001.

PAUL, T. V. The Enduring Axioms of Balance of Power Theory and Their Contemporary Relevance. In.: PAUL, T.V.; WIRTZ, James & FORTMANN, Michel. (Orgs.) *Balance of Power: Theory and Practice in the 21st Century*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

PAUL, T.V.; WIRTZ, James & FORTMANN, Michel. (Orgs.) *Balance of Power: Theory and Practice in the 21st Century*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

PROENÇA JUNIOR, D. Prioridades para as Forças Armadas: uma visão do "dever-ser" acadêmico. In: Domício Proença Júnior. (Org.). *Indústria Bélica Brasileira: Ensaios*. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Estratégicos / Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, 1994.

RIA NOVOSTI. *Rússia montará em Venezuela dos plantas de fusiles Kaláshnikov*. Edição de 06/08/2007. 2007. Disponível em: <http://sp.rian.ru/>. Acesso em: 06/08/2008.

RIA NOVOSTI. *Venezuela planea adquirir armamento ruso por US\$2.000 millones*. 2008a. Disponível em: <http://sp.rian.ru/> Acesso em: 12/05/08.



- RIA NOVOSTI. *Rusia otorgará a Venezuela un crédito por \$1.000 millones para la cooperación militar*. 2008b. Disponível em: <http://sp.rian.ru/>. Acesso em 06/10/2008.
- RIA NOVOSTI. *Venezuela comprará a Rusia tanques, aviones y armamento antiaéreo*. 2008c. Disponível em: <http://sp.rian.ru/>. Acesso em: 24/07/2008.
- RIA NOVOSTI. *Venezuela quiere comprar submarinos rusos con dinero de Moscú*. 2008d. Disponível em: <http://sp.rian.ru/> Acesso em: 05/04/2008.
- RUNZA, Ricardo Adrián. La construcción de una comunidad de seguridad en America del Sur a la luz de la adquisición de armamento. *Policy paper*, n. 20. Friedrich Ebert Stiftung, 2008.
- SEBEN, Fernando Dall' Onder. *Separatismo e Hipótese de Guerra Local na Bolívia: Possíveis Implicações para o Brasil*. Monografia de Conclusão do Curso de Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- SIPRI. *SIPRI Yearbook 2008: Armaments, Disarmament and International Security*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- VAN EVERA, Stephen. *Guide to methods for students of political science*. Nova York: Cornell University Press, 1997.
- VILLA, Rafael Duarte. *Quatro Teses Sobre a Política de Segurança dos Estados Unidos para a América do Sul*. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007a.
- VILLA, Rafael Duarte. A política externa venezuelana de Chávez para a América do Sul: entre a ideologização das identidades e as necessidades do pragmatismo. *Análise de Conjuntura OPISA*, n. 10. 2007b. Observatório Político Sul-americano. Disponível em: [http://observatorio.iuperj.br/pdfs/37\\_analises\\_AC\\_n\\_10\\_out\\_2007\(2\).pdf](http://observatorio.iuperj.br/pdfs/37_analises_AC_n_10_out_2007(2).pdf) Acesso em: 15/09/2008.
- WILLETT, Susan. *Costs of Disarmament: Mortgaging the Future*. Genebra: United Nations Publication, 2003.

## Anexos

### Anexo I – Tabelas comparativas

TABELA 1.1									
<b>Colômbia - Venezuela - Equador</b>									
Visão Comparada das Forças Armadas									
Países/Equipamento									
	Colômbia			Venezuela			Equador		
Fontes	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD
<b>Exército</b>									
Soldados	208.400	216.921	178.000	63.350	63.000	34.000	47.000	47.000	50.000
Tanques	--	--	13	172	190	81	27	24	111
Blindados	343	368	--	215	(+100) 502	--	195	190	155
Helicópteros	85	97	55	46	46	25	31	33	--
<b>Força Aérea</b>									
Soldados	9.860	9.373	7.000	11.500	11.500	7.000	4.000	4.000	4.000
Caça/Ataque	84	115	67	69	94	72	50	57	63
Bomb.	--	--	--	--	--	--	--	--	3
Transporte	34	29	58	13	(+12)53	45	31	26	17
Helicópteros	134	144	92	13	18	20	23	13	28
<b>Marinha</b>									
Soldados	27.100	27.605	15.000	17.500	17.500	18.300	6.500	6.100	3.550
Aviação Naval	8	11	100	8	22	--	4	6	250
Helicópteros	5	8	--	12	5	--	9	6	--
Fragatas	4	--	--	(+4)6	6	6	2	2	2
Corvetas	--	4	4	(+4)	2	--	6	6	4
Submarinos	4	4	4	2	2	2	2	2	2
Barcos (PB)	82	93	27	(+40)9	51	6	29	(+3) 13	5
Fuzileiros Navais		23.000	--		(1) 7.000	--		1.700	--
<p>Legenda: (GD) Global Defence; (--) Ausente; (+Número) Comprado, a ser entregue; (PB) Patrol Boat;</p> <p>Observações: a- Material bélico da guarda costeira, corvetas, por exemplo, foram incluídos na marinha.  b- Nos dados do Jane's optou-se por utilizar os números de material em serviço (in service), e não do total original.</p> <p>(1) Incluídos no efetivo da Marinha.</p> <p>FONTE: GlobalDefence.net (2004) <a href="http://www.globaldefence.net">http://www.globaldefence.net</a>; IISS. The Military Balance 2008. Londres: Routledge, 2008.; Jane's. Jane's Sentinel Security Assessment - South America - 2008.</p> <p>Autor: DULLIUS, Gustavo P.</p>									

TABELA 1.2

**Peru - Bolívia - Chile****Visão Comparada das Forças Armadas****Países/Equipamento**

	Peru			Bolívia			Chile		
Fontes	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD
<b>Exército</b>									
Soldados	74.000	74.000	60.000	34.800	34.800	25.000	38.600	36.016	47.700
Tanques	370	336	560	54	54	48	338	375	(+140) 230
Blindados	449	344	--	176	139	76	827	787	445
Helicópteros	38	38	--	--	--	--	34	44	--
<b>Força Aérea</b>									
Soldados	17.000	17.000	15.000	6.800	6.500	3.000	8.600	8.500	10.600
Caça/Ataque	52	70	136	21	33	23	64	74	54
Bomb.	--	--	17	--	--	--	--	--	--
Transporte	15	36	43	21	30	77	21	65	26
Helicópteros	37	77	72	21	19	--	22	23	85
<b>Marinha</b>									
Soldados	19.000	19.000	25.000	4.400	3.300	1.800	14.300	17.700	21.400
Aviação Naval	13	8	--	--	--	--	13	18	--
Helicópteros	9	15	--	--	--	--	17	17	--
Fragatas	10(3)	9(1)	5(1)	--	--	--	8	8	2
Corvetas	--	--	6	--	--	--	--	--	4
Submarinos	6	6	4	--	--	--	4	4	4
Barcos (PB)	30	14	4	56	54	60	77(2)	38	15(2)
Fuzileiros Navais	4.000	4.000		1.700	1.700	1.700	4.500	2.750	3.800

Legenda: (GD) Global Defence; (--) Ausente; (+Número) Comprado, a ser entregue; (PB) Patrol Boat;

Observações: a-Material bélico da guarda costeira, corvetas, por exemplo, foram incluídos na marinha. b- Nos dados do Jane's optou-se por utilizar os números de material em serviço (in service), e não do total original.

(1) Incluído como fragata um navio classificado como cruzador (2) Missile Boats incluídos (3) Incluído um cruzador e um destroyer.

FONTE: GlobalDefence.net (2004) <http://www.globaldefence.net>; IISS. The Military Balance 2008. Londres: Routledge, 2008.; Jane's. Jane's Sentinel Security Assessment - South America - 2008.

Autor: DULLIUS, Gustavo P.

TABELA 1.3									
<b>Argentina - Paraguai - Uruguai</b>									
Visão Comparada das Forças Armadas									
Países/Equipamento									
	Argentina			Paraguai			Uruguai		
Fontes	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD
<b>Exército</b>									
Soldados	42.000	41.400	41.400	14.900	7.600	14.900	16.800	17.000	15.200
Tanques	335	341	250	14	17	13	54	52	15
Blindados	453	617	860	48	40	--	234	336	12
Helicópteros	44	45	--	--	--	--	--	--	--
<b>Força Aérea</b>									
Soldados	13.000	14.600	12.500	1.700	1.100	1.700	3.000	3.000	3.000
Caça/Ataque	80	119	116	9	10	29	13	19	16
Bomb.	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Transporte	31	39	37	4	20	10	7	19	9
Helicópteros	30	37	49	13	10	6	19	16	5
<b>Marinha</b>									
Soldados	13.500	17.500	19.500	1.800	1.050	1.100	5.200	4.550	5.700
Aviação Naval	28	32	25	1	4	--	1	1	--
Helicópteros	(+3) 30	19	--	3	3	--	9	3	--
Fragatas	12(1)	14(1)	10	--	--	--	3	2	3
Corvetas	--)	--	3	--	--	--	--	--	3
Submarinos	3	3	3	--	--	--	--	--	--
Barcos (PB)	128	15	14	31	28	10	7	10	5
Fuzileiros Navais	3.500	2.500	2.500		900	900	400	450	
<p>Legenda: (GD) Global Defence; (--) Ausente; (+Número) Comprado, a ser entregue; (PB) Patrol Boat;</p> <p>Observações: a-Material bélico da guarda costeira, corvetas, por exemplo, foram incluídos na marinha. b- Nos dados do Jane's optou-se por utilizar os números de material em serviço (in service), e não do total original. (1) Destroyers incluídos.</p> <p>FONTE: GlobalDefence.net (2004) <a href="http://www.globaldefence.net">http://www.globaldefence.net</a>; IISS. The Military Balance 2008. Londres: Routledge, 2008.; Jane's. Jane's Sentinel Security Assessment - South America - 2008.</p> <p>Autor: DULLIUS, Gustavo P.</p>									

TABELA 1.4

**Brasil - Guiana****Visão Comparada das Forças Armadas****Países/Equipamento**

Fontes	Brasil			Guiana		
	JANE's	IISS	GD	JANE's	IISS	GD
<b>Exército</b>						
Soldados	195.000 (+250) 569	238.200 (+270)	189.000			900
Tanques	(3)	336	511			
Blindados	1236(3)	1.230	1496			9
Helicópteros	82	63	--			--
<b>Força Aérea</b>						
Soldados	67.400	67.440	50.000			100
Caça/Ataque	308	309	230			--
Bomb.	--	--	--	-		--
Transporte	182	142	115			1
Helicópteros	75	87	41			2
<b>Marinha</b>						
Soldados	62.200	47.800	48.600			100
Aviação Naval	45(1)	18	--			--
Helicópteros	48	54	--			--
Fragatas	10(2)	10	18			--
Corvetas	(+1)4	4	--			--
Submarinos	5	5	4			--
Barcos (PB)	28	33	31			5
Fuzileiros Navais						
Soldados	--	14.500	13.900			--

Legenda: (GD) Global Defence; (--) Ausente; (+Número) Comprado, a ser entregue; (PB) Patrol Boat;

Observações: a-Material bélico da guarda costeira, corvetas, por exemplo, foram incluídos na marinha. b- O Brasil é o único país do continente a dispor de um porta-aviões no inventário. c- Nos dados do Jane's optou-se por utilizar os números de material em serviço (in service), e não do total original.

(1) Incluídos os aviões de patrulha marítima da Força Aérea. (2) Incluído como fragata o destroyer "Pará".(3) Os tanques e blindados dos Fuzileiros navais foram incluídos no arsenal do exército.

FONTE: GlobalDefence.net (2004) <http://www.globaldefence.net>; IISS. The Military Balance 2008. Londres: Routledge, 2008.; Jane's. Jane's Sentinel Security Assessment - South America - 2008.